



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE  
OLIVEIRA – PARNAÍBA-PI  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE  
LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS SOCIAIS



Cordel, versos, feiras e romarias: considerações sobre literatura popular e desencantamento em Pedro II-PI.

Rogério de Oliveira Araújo

Parnaíba fevereiro de 2018

Rogério de Oliveira Araújo

Cordel, versos, feiras e romarias: considerações sobre literatura popular e desencantamento em Pedro II-PI.

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Ciências Sociais para obtenção do grau de licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Clodson dos Santos Silva

Parnaíba fevereiro de 2018

A658c Araújo, Rogério de Oliveira.

Cordel, versos, feiras e romarias: considerações sobre literatura popular e desencantamento em Pedro II-PI / Rogério de Oliveira Araújo. - 2018.

85 f. : il.

Monografia (graduação) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Curso de Licenciatura Plena em Ciências Sociais, *Campus* Prof. Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba-PI, 2018.

“Orientador: Prof. Dr. Clodson dos Santos Silva.”

1. Literatura de Cordel. 2. Desencantamento. 3. Literatura Popular. 4. Religião. I. Título.

CDD: 398.5

Nome: Rogério de Oliveira Araújo

Título: Cordel, versos, feiras e romarias: considerações sobre literatura popular e desencantamento em Pedro II-PI.

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Ciências Sociais para obtenção do grau de licenciado em Ciências Sociais.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

Banca examinadora

Prof. (a): \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. (a): \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## Dedicatória

À meus pais, Maria Lídia de Oliveira e Francisco das Chagas de Araújo, meus exemplos maiores e apoio ao longo de toda a trajetória, não apenas acadêmica, mas de vida.

## **Agradecimentos**

A meus pais pelo intenso apoio ao longo de minha vida e igualmente ao longo de minha trajetória acadêmica.

Aos meus professores que, cada um a seu modo prezaram pela qualidade da formação acadêmica.

A meu orientador Prof. Clodson dos S. Silva, que sempre se demonstrou solícito e preocupado não apenas com a qualidade do trabalho monográfico, mas na formação como um todo.

A meus amigos, companheiros de curso, que no decorrer não apenas da pesquisa, mas de todo o percurso na universidade, compartilharam das dificuldades e alegrias no estudo das Ciências Sociais.

De modo especial, a todos os poetas e demais indivíduos que contribuíram com esta pesquisa.

## **Resumo**

A presente monografia se debruça sobre a literatura popular, especificamente a literatura de cordel, tomando como recorte empírico a cidade de Pedro II no estado do Piauí, procuramos investigar como o processo de desencantamento tem se manifestado sobre a literatura de folhetos, considerando a íntima relação entre o cordel e a esfera religiosa, em especial com o catolicismo popular devocional do Nordeste brasileiro. Para isso foram utilizadas na pesquisa como estratégias, além de extenso estudo bibliográfico compreendendo; a entrevista aberta semiestruturada, aplicada a um grupo de poetas populares selecionados pelo seu reconhecimento dentro do campo literário e por sua produção poética; observação participante nos grupos e eventos que arregimentam os poetas locais da cidade de Pedro II-PI e análise dos folhetos produzidos pelos poetas populares, especialmente a partir da década de 1970. Constatando-se a partir dos dados obtidos com o referido aparato metodológico, a crescente desvinculação da literatura de cordel dos aspectos mágicos e encantados que permeavam sua produção até a década de 1970, compreendendo não apenas mudanças nos eixos narrativos, mas a passagem do folheto dos espaços liminares, como a feira, para locais em que reside também a literatura oficial, tornando as divergências e diferenças entre o popular e o erudito cada vez mais tênues.

Palavras Chave: Literatura de cordel, desencantamento, literatura popular, religião

### **Abstract**

The present monograph focuses on popular literature, specifically the cordel literature, taking empirically the city of Pedro II in the state of Piauí, we seek to investigate how the process of disenchantment has been manifested on the literature of pamphlets, considering the intimate relation between the cord and the religious sphere, especially with the popular devotional Catholicism of the Brazilian Northeast. In order to do this, they were used in the research as strategies, in addition to an extensive bibliographical study comprising the semi-structured open interview, applied to a group of popular poets selected for their recognition within the literary field and for their poetic production; participant observation in the groups and events that gather the local poets of the city of Pedro II-PI and analysis of the leaflets produced by popular poets, especially from the 1970s. The growing detachment of cordel literature from the magical and enchanted aspects that permeated its production up to the 1970s, including not only changes in the narrative axes, but the passage of the such as the fair, to places where official literature also resides, making the divergences and differences between the popular and the erudite increasingly tenuous.

Keywords: Cordel literature, disenchantment, popular literature, religion

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> -----	08
<b>2 CORDEL, VERSOS, FEIRAS E ROMARIAS: da identidade nacional ao desencantamento.</b> -----	12
<b>3 SOB O PÉ DE TAMBORIL: cordel e encantamento</b> -----	31
3.1 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICO-DEMOGRÁFICAS-----	31
3.2 NA “RASPA DO MAMELEIRO”: revisão metodológica-----	33
3.3 A “FEIRA DO TAMBORIL”-----	36
3.4 NOVOS PALCOS E A POESIA QUE SE REINVENTA-----	44
<b>4 DA “MAGIA A RAZÃO”: considerações weberianas sobre a literatura de cordel</b> -----	52
4.1 CORDEL EM PEDRO II: Vias de desencantamento-----	61
4.2 FOLHETOS E LIVROS, ESTÓRIAS E HISTÓRIAS: o que narra o cordel em Pedro II?-----	69
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> -----	79
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> -----	83

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura de cordel se constitui num objeto que desde o século passado tem atraído o olhar dos pesquisadores, assumi-la como tema de pesquisa é um desafio, tanto no sentido de se debruçar pela extensa bibliografia que toca nesta temática, quanto na perspectiva de encontrar nela implicações sociológicas ainda não abordadas. Além disso, a literatura de cordel dentro do contexto brasileiro se posiciona dentro de outro fenômeno social mais abrangente e de igual modo impreciso, a dita cultura popular. Essa cultura popular, ora tomada como sinônimo de folclore, ora sendo explicitamente separada deste, possui dentro do que o conceito pretende abarcar uma diversidade de fenômenos, compreendendo não apenas costumes e tradições, mas também expressões de arte dentre as quais destacamos a literatura popular, ou literatura oral (BRANDÃO, 1982).

A literatura de cordel possui uma história particular de desenvolvimento dentro do cenário brasileiro, num percurso que parte de raízes europeias até uma adaptação realizada no Nordeste do Brasil, região na qual essa literatura popular não apenas se concretizou entre as manifestações do povo, mas desenvolveu aquilo que podemos designar a partir de Antonio Candido (2006) como um sistema literário, compreendendo um estilo e um público específico.

As particularidades da literatura de cordel e sua categorização dentro do espectro da literatura oral renderam-lhe as mais diferentes abordagens, desde aquelas que tomavam essa literatura pelo viés folclórico, desconsiderando desse modo o trabalho individual dos poetas, até aquelas que a tomavam dentro do conceito de cultura popular, mais aberto às contribuições individuais. Como destaca Proença:

Inicialmente, há duas maneiras de ser da literatura oral. A popular, que, embora apresente características de poesia folclórica, é normalmente impressa, é moda e não anônima. E a realmente folclórica, que independe de moda e já é anônima, caiu no patrimônio coletivo por esquecimento do nome de seus autores (PROENÇA, 1976, p. 37).

Como destacado no excerto acima, a literatura de cordel dentro de uma leitura sob o conceito de cultura popular permite reconhecer a atividade direta dos poetas que se dá em relação e referência com o meio social no qual este se insere, diferentemente da abordagem folclórica que apresenta essa literatura no nível de uma compilação de crenças e costumes

ancestrais. O cordel, desse modo, a partir dessas perspectivas, desde o seu aparecimento tornou-se objeto de interesse da camada intelectual, seja no sentido de vislumbrar nesta literatura uma espécie de “sobrevivência” de modos de pensar de períodos anteriores da história, seja no de tomar esta como um signo de identificação nacional (MELO, 2010). Assim como lembra Cancline (1983), a visão romanceada sobre a cultura popular que influenciou os estudos sobre esta, especialmente entre as décadas de 1930 e 1940, levaram os pesquisadores e demais intelectuais a considerar os elementos da “criatividade popular”, como algo espontâneo, uma “expressão dos valores humanos e modelo de vida ao qual deveríamos regressar” (CANCLINE, 1983, p. 44).

Nesse mesmo espírito, as transformações ocasionadas pela globalização fazem ressurgir esse anseio pela definição de marcadores culturais que atestem a autenticidade das identidades, postas em questão pela fragilização das barreiras (espaciais e temporais) que antes separavam os povos (HALL, 2006). O cordel reaparece então como um dos destes signos que denotam a identidade cultural, constituindo-se, ou melhor, mantendo-se sob o olhar interessado dos pesquisadores e intelectuais.

Entretanto, resumir a literatura de cordel a um objeto de estudo que remete prioritariamente a questão das identidades culturais, significa deixar de lado uma série de outros fenômenos que perpassam esse traço da cultura popular. Em certo aspecto o cordel ocupa uma posição singular dentro da cultura popular, posto que a revelia de outras manifestações artísticas populares, o cordel se desenvolveu com uma perspectiva comercial estabelecendo dentro do Nordeste toda uma cadeia produtiva, com o surgimento de tipografias especializadas e de profissões em exclusiva referência a ele, como é o caso do folheteiro (MELO, 2010).

Assumindo que o fenômeno da literatura de cordel é passível de outras abordagens que tem referência igualmente a outros fenômenos sociais, para além da questão nacional, ou implicações do processo de globalização, a presente pesquisa procura se debruçar sobre um foco específico dentro da literatura de folhetos, a saber: o processo de desencantamento que se desenvolve sobre esta literatura (tanto em relação ao modo de produção e comercialização, quanto na estrutura do próprio folheto), especialmente a partir da década de 1970. Reconhecendo que esta, pela sua gênese e processo de adaptação dentro do Nordeste brasileiro possui uma íntima relação com a esfera religiosa, especialmente em sua vertente católica devocional, a pesquisa procura evidenciar as transformações ocorridas nesta literatura popular tomando como referência dois conceitos de Max Weber (2004), a saber: secularização

e desencantamento. Dando especial atenção ao processo de desencantamento, considerando este com um processo que remete a transformações internas ao objeto, na obra de Weber referindo-se a “desmagificação” no interior da esfera religiosa e no presente trabalho na perda do elemento encantado na literatura de cordel.

Para isso o trabalho assume como recorte empírico o município de Pedro II no Piauí, considerando a persistência nesta cidade da atividade dos poetas populares e as transformações ocorridas nos modos de exercício dessa literatura em referência ao que era entre as décadas de 1950 até 1970. A referida cidade situa-se a 209 km da capital do estado e conta atualmente com uma população de 37.496 habitantes (IBGE Instituto Brasileiro de Geografia Estatística, 2010).

O texto monográfico divide-se em três capítulos que procuram traçar uma linha narrativa em torno da literatura de cordel num sentido mais amplo até o ponto específico sobre o desencantamento dentro do recorte empírico delimitado. Dessa forma, no capítulo inicial a atenção se volta para uma explanação sobre a história da literatura de cordel, retomando suas raízes europeias, o processo de adaptação e apropriação ocorrido de maneira proeminente no Nordeste brasileiro, o desenvolvimento de uma indústria tipográfica especializada na impressão de folhetos, a relação desta com a esfera religiosa, as influências sofridas pela camada intelectual e as especificidades dentro do estado do Piauí.

No segundo capítulo a ênfase se concentra na cidade de Pedro II, realizando uma descrição breve do histórico do município com alguns dados demográficos e posteriormente concentrando-se na literatura de cordel da referida cidade, com a preocupação de evidenciar como esta chega até o município, seu processo de desenvolvimento, os locais e modos de comercialização até a década de 1970, bem como sua relação com a esfera religiosa e os aspectos de encantamento que englobavam essa literatura. Neste capítulo é realizada também uma descrição metodológica do desenrolar da pesquisa, assim como é situado os modos de produção e comercialização do cordel, bem como os espaços que este ocupa na contemporaneidade dentro da cidade. Além disso, é ressaltada a relação entre a literatura oficial e a literatura popular em Pedro II.

O terceiro e último capítulo se destina a trazer os conceitos de secularização e desencantamento de maneira mais acentuada, com especial atenção ao segundo conceito. Nesta parte do trabalho são apresentadas as mudanças ocorridas na atividade do cordelista, em seu perfil social, nos locais, modos e processo de comercialização do folheto, no intuito de demonstrar o viés desencantado que a literatura de cordel vem apresentando na cidade, vindo

esta a concentrar em seus eixos narrativos aspectos mais historiográficos. O capítulo é seguido de uma breve conclusão.

O texto segue normalizado em referência as Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP (2016).

## **2 CORDEL, VERSOS, FEIRAS E ROMARIAS: da identidade nacional ao desencantamento.**

[...] “meu professor só a Deus é que me ajudou, Deus é poeta e eu comecei a fazer meus versinho...”

(Francisco Alberto, poeta popular e cantador de Pedro II-PI).

A identidade brasileira, o caráter nacional, a formação de uma nação independente de Portugal, cada uma dessas motivações encontra impacto sobre o modo como passou a se encarnar a cultura e literatura popular e, de modo especial, a literatura de cordel, a partir do século XX. Na busca de signos de identificação, de diferenciação, na “descoberta do povo” como nicho desses signos, o folheto ganha destaque e o olhar atento das camadas intelectuais (BURKE, 2010).

Burke já salientava o surgimento desse movimento de “descoberta” da cultura popular desde o final do século XVIII e início do século XIX. E, mesmo na contemporaneidade, esse processo de apropriação, ou valorização dos símbolos e manifestações populares continua em voga, num processo que, se desenvolve contrariamente à tendência homogeneizante que se supunha como consequência da globalização (HALL, 2006).

Neste mesmo sentido, Candido (2006) ressalta a dialética entre o localismo e o cosmopolitismo como uma espécie de lei regente da evolução da “vida espiritual”, no sentido dos modos de desenvolvimento e apreciação da arte e da literatura.

Dessa forma, a perspectiva nacionalista se constitui como um dos primeiros elementos que trazem a tona, ou melhor, ao centro dos olhares da elite intelectual, a temática da cultura popular e dentro desta o cordel com especial destaque. Assumindo esse pressuposto, pontuar essa jornada em busca dos símbolos nacionais pela camada erudita e política da sociedade brasileira, representa um intento que não pode ser desvinculado da história da cultura popular em suas diversas manifestações.

No entanto, esse movimento em torno da cultura popular traz consigo um problema que se materializa na própria categorização e compreensão do que se entende pelo termo “popular”. Esse adjetivo, lançado sobre as manifestações artísticas, religiosas, tradições do povo, possui um potencial demarcador que delimita o objeto que lhe carrega a um lugar específico dentro do campo social (MELO, 2010). O termo “popular” parece ser passível de substituição por “sub” ou “inferior”, como expressão que categoriza e diz respeito à parte “inculta” e iletrada da sociedade. Como assinala Arantes: “repudiamos, qualificando de ingênuo, de mau gosto, indigesto, ineficaz, errado, anacrônico ou, benevolmente

pitoresco, tudo aquilo que identificamos como ‘povo’" (1980, p.13).

Apesar disso, o popular resiste ante a educação “civilizante” a que se sujeita toda a sociedade. As expressões populares estigmatizadas pontilham o cotidiano a revelia da preferência dada, imposta e aceita pelo povo, de um modo de vida mais refinado, de modo que, não raro, estão presentes no dia-a-dia o samba, frevo, maracatu, vatapá, tutu de feijão cuscuz, seresta, repente e folheto de cordel (ARANTES, 1980).

Nesse contexto, a constituição da literatura de cordel como exemplo de uma literatura oral acentua ainda mais o enfoque depreciativo que por vezes se manifestava sobre a mesma. Ao se destinar a um público em geral pouco familiarizado com a leitura e, sendo mesmo escrita e produzida por indivíduos com baixo grau de escolarização, a literatura de folhetos carregava como traço marcante em suas narrativas e composições, a intensa tonalidade oral do texto que, evocava diretamente a recitação e ao canto (MELO, 2010).

Desse conflito entre a literatura oral e a literatura oficial, por assim dizer, podem ser inferidas interessantes observações, as quais não passaram despercebidas por Antônio Candido (2006) ao demonstrar que, o caráter da oralidade, por vezes tratado com desdém pela camada erudita, se mostra como uma peculiaridade da própria literatura nacional. Não é difícil compreender porque o sociólogo afirma isto, tendo em vista a pouca disposição à leitura da população brasileira desde sua formação. Em vista disso, Candido aponta como no Brasil a literatura oficial parece ser escrita para ser escutada e não lida, assim como a tradição da escrita ensaística que se destaca nas referências acadêmicas do país.

Esses conflitos e relações de disputa que se apresentam, demonstram em certo sentido, mais as características das relações de poder dentro de um campo social como bem explicita Bourdieu (1996a), do que necessariamente diferenciações essenciais. Trata-se da disputa pela legítima posse dos bens simbólicos e do *status* que cada posição determinada no campo literário possui, luta na qual o popular parece entrar em desvantagem, o que dificulta a valorização e apreciação daquilo que nele é produzido para além do exótico, do folclórico.

O popular se revela como expressão do homem cotidiano, esquecido pela história, mas presente no dia-a-dia, sua arte e cultura apresentam esse cotidiano, por meio da poesia, da religiosidade, dos cantos etc.. Na cultura popular e dentro dela no cordel, o povo se manifesta, encontra sua via de escape do ciclo diário (CERTEAU, 1998). Na perspectiva de captar nessa cultura popular os traços de algo propriamente brasileiro, o homem cotidiano produtor dessa arte, aquele que vivencia os costumes, é encoberto dentro da categoria folclórica que, não

reconhecendo nas expressões seus produtores individuais, toma as manifestações populares, a exemplo do cordel, como um trabalho coletivo sem um rosto definido (PROENÇA, 1976).

Aliado a isto, o enfoque que procura delimitar no popular os traços característicos da nação, tendem a enquadrar esse popular, em suas diferentes manifestações, como um paralelo ou mesmo sinônimo de tradição. Disto implica o tratamento por vezes saudosista, próprio da tentativa de preservar os resquícios de uma era de ouro, sempre mais bela como diria Girardet (1987). Como aponta Eric Hobsbawn (1997), argumentando sobre a “produção” desses símbolos tradicionais, muitas vezes mais artificiais que propriamente ancestrais:

É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a “invenção da tradição” um assunto tão interessante para os estudiosos da história contemporânea (HOBSBAW; RANGER, 1997, p. 10).

Nessa direção a cultura popular é tomada num sentido estático, na medida em que é assumida como um marcador cultural da identidade nacional, fato que dificulta a consideração das transformações que ocorrem no seu interior a partir das vivências e experiências do povo que dá corpo a esta cultura (ARANTES, 1980).

Dessa forma, com todas essas inferências e ranços, o olhar do pesquisador, do erudito, se volta para a cultura popular e no cenário brasileiro, para a literatura de folhetos, vislumbrando nessa manifestação popular algo de genuíno, característico da cultura brasileira. Assim, os livretos comercializados nas feiras do Nordeste, compostos de páginas múltiplas de oito (8, 16 e 32), confeccionados em papel jornal, com capas coloridas, contendo estampas xilogravadas ou zincogravadas com vinhetas ilustrativas e autorias identificadas, e intenso apelo a rima, são alçados a objeto de interesse nacional (MACHADO, 1980).

Entretanto, a literatura de cordel apesar de ser apresentada pela camada intelectual como signo de identidade, não deixa de carregar em si, como dito, o ranço do termo “popular”, de modo que, seu reconhecimento enquanto literatura não coincide com seu apelo nacionalista. Como Proença (1976) afirma, o cordel nunca obteve aceitação oficial a nível literário, sintomático disso é o caso que o autor relata referindo-se a José de Alencar:

O próprio José de Alencar, um dos mais conscientizados (crítico maior) e lúcidos autores nossos (em termos de crença em uma literatura para o povo) se irritou profundamente ao ver O Guarani em folhetos à venda no “cavalo de cordel”<sup>1</sup>, embora ele mesmo Alencar desenvolve-se O nosso cancionário (p.31).

A relação dos intelectuais com a literatura de folhetos constitui-se de uma proximidade considerável. O próprio termo “cordel” representa uma contribuição direta dos eruditos que, com o tempo foi assimilada pelos próprios poetas (MACHADO, 1980). Seja enquanto defensores “patrimoniais”, ou como vozes de agouro, os eruditos desempenharam um papel significativo para a literatura de folhetos, de certo modo, um papel que ganha mais destaque à medida que o cordel supera sua fase áurea nas décadas de 1950 e 1960, adentrando nas universidades tornando-se tema de teses e dissertações (SANTOS, In: NEMER, 2008).

Outra contribuição, em certo sentido, dos pesquisadores e intelectuais para a imagem da literatura de cordel se dá justamente nas capas dos folhetos. A agora então famosa técnica de xilogravura<sup>2</sup>, não se concretizava nas fases iniciais do cordel, como a principal maneira de estampar as capas e ilustrar as narrativas. Contrariamente, eram mais desejados pelo público os folhetos com capas em clichê<sup>3</sup>, ou zincogravuras<sup>4</sup>, especialmente os coloridos através da técnica de policromia<sup>5</sup>. Somente através da apreciação dos colecionadores e pesquisadores que, a xilogravura vai assumindo maior proeminência, considerada por estes como uma “solução estética artesanal, rústica, mais expressiva das narrativas sobre a seca, o cangaço, a vida no Sertão” (MELO, 2010, p.111).

Voltando-nos ainda para as camadas intelectuais do século passado, podemos encontrar um tom discursivo que alude a visível característica do Brasil enquanto um país reconhecidamente miscigenado, proveniente de um processo colonizador, predatório ou mesmo parasitário como diria Bomfim (2008). Em que, cada traço cultural surge de uma mescla, resultado da convivência, das várias tradições e do processo de assimilação destas. Assim, o cordel, ainda que tomado como símbolo nacional, como marcador regional, não poder ser analisado sem levar em consideração suas raízes europeias de onde recebe grande parte de suas referências.

---

<sup>1</sup> Suporte de madeira (banca, mesa) em que se dispunham os folhetos para a venda.

<sup>2</sup> Método de estampa das capas dos folhetos consistindo no entalhe em madeira de um desenho que remeta ao tema do cordel, produzindo dessa forma uma espécie de carimbo. Essa técnica proporciona um resultado mais rústico no aspecto visual do cordel, sendo mais valorizada pelos turistas e intelectuais pesquisadores que pelo público em geral (MELO, 2010).

<sup>3</sup> Clichê: Placa gravada em relevo sobre metal para impressão de imagens e textos por meio de prensa tipográfica.

<sup>4</sup> Zincogravuras: gravura com utilização de estampas em zinco

<sup>5</sup> Policromia: gravura com utilização de cores variadas

Nesse sentido, Sílvio Romero (1977) em seu “Estudo sobre a Poesia Popular do Brasil”, surge como um dos primeiros pesquisadores a se debruçar sobre a cultura popular brasileira com esse “espírito” de contribuir na construção da identidade nacional. Entretanto, resguardando-se o cuidado de não corroborar como caráter racista da obra, próprio do período histórico em que é redigida, Romero aponta também a miscigenação como o ponto de surgimento, ou melhor, o núcleo da cultura popular brasileira. Em dado momento o autor chega a afirmar que no Brasil aqueles que não estão mesclados pelo sangue, estão mesclados pelos costumes e pelas ideias.

Como sugere Marinho (2012) e em certa medida convergindo com a concepção de Romero, o cordel traz consigo além dos contos e cantorias, a memória o som dos maracatus, dos reisados, do coco e da embolada, numa mistura de rituais profanos e sagrados que lhe configura enquanto elemento singular.

Mas, como então apresentar o cordel como algo genuinamente brasileiro e, ao mesmo tempo, reconhecer que este seria proveniente de terras além mar? Tal questão não estaria em conformidade com a proposição de José de Sousa Martins (2008), ao afirmar que, a característica mais autêntica do Brasil é justamente sua falta de autenticidade? Para chegar a uma conclusão referente a essas questões é necessário demonstrar o que significa a literatura de folhetos na Europa e o que ela representa no Brasil.

Primeiramente, as diferenças entre o cordel europeu e o cordel brasileiro podem ser definidas na forma. Enquanto que, no primeiro podiam ser encontrados folhetos em prosa e verso, no segundo os folhetos em verso eram privilegiados. Tal diferenciação não se dava apenas neste ponto, mas se manifestavam também na métrica. Desse modo, o cordel brasileiro foi acrescido de mais dois versos em cada estrofe, transformando as quadras portuguesas em sextilhas<sup>6</sup>, além dessa métrica também havia as formações em septilhas<sup>7</sup>, com estrofes com sete versos (MELO, 2010).

A seguir um exemplo de sextilha escrita por Leandro Gomes de Barros seguindo a disposição de rima ABCBDB<sup>8</sup>:

---

<sup>6</sup> Formação poética na qual as estrofes são compostas de seis versos seguindo o padrão de rima: ABCBDB.

<sup>7</sup> Formação poética na qual as estrofes são compostas de sete versos seguindo o padrão de rima: ABCBDDDB

<sup>8</sup> As letras indicam em que verso se encontra a rima da estrofe, se a sequência de rima é ABCBDB significa que nesse caso o 2º, 3º e 6º verso terminam rimando, esse é o padrão da sextilha. Na septilha que segue o padrão ABCBDDDB percebe-se que o 2º, 3º e 7º versos rimam entre si, enquanto o 5º e 6º rimam em relação uma ao outro separadamente dos demais.

O Fiscal e a Lagarta<sup>9</sup>

Data: 1917

Estava um dia uma lagarta  
Debaixo de um pé de fumo  
Quando levantou a vista  
Viu um fiscal do consumo.  
Disse a lagarta consigo:  
Eu hoje me desarrumo.

Quadras portuguesas colhida do “Ramalhetes de Quadras Populares”, composta de poemas seleccionados por Carolina Michaëlis de Vasconcellos (1851-1925) no início do século XX:

Quem canta, seu mal espanta;  
Quem chora seu mal aumenta:  
Eu canto para espalhar  
A paixão que me atormenta.

Eu não quero nem brincando  
Dizer adeus a ninguém:  
Quem parte, leva saudades,  
Quem fica, saudades tem.<sup>10</sup>

Essas modificações ocorridas no nordeste do Brasil transformaram as folhas volantes europeias em folhetos próprios da cultura popular brasileira. Carregados de uma constituição métrica e de uma forma moldada pelas idiosincrasias locais. O folheto aqui produzido toma a composição de um livreto, com capas zincogravadas ou xilogravadas, com número de páginas múltiplas de oito, o que facilitava a montagem do livreto e aproveitamento do tamanho do papel. Versando sobre as mais diferentes temáticas: religiosas, de gracejos, homenagens, jornalísticos, de datas, festas e etc., o cordel ganha as feiras e comércios, especialmente no Nordeste do país (MACHADO, 1980).

Esse movimento de decodificação da literatura de cordel principia com a atividade poética e editorial de Leandro Gomes de Barros ao final do século XIX, sendo seguido por Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde. Através do trabalho dos referidos

---

<sup>9</sup> Fonte: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro\\_cordel.html](http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_cordel.html), acessado em 15/10/2017 às 18:30 min.

<sup>10</sup> Fonte: <https://viciodapoesia.com/2011/08/18/ramalhete-de-quadras-populares/> acessado em 15/10/2017 às 18:32 min.

poetas as características típicas do cordel, explicitadas anteriormente, são definidas (MARINHO, 2012).

Algo interessante na história e contribuição destes indivíduos à literatura de cordel é que, apesar de comumente atribuir-se ao cordel um caráter iminente rural, essa expressão artística elaborada inicialmente por sertanejos, só principiou a desenvolver-se quando os referidos poetas se estabeleceram em centros urbanos de maior porte, a exemplo de Recife, nos quais as condições materiais permitiram a montagem das tipografias e a partir disso o movimento reverso do cordel em direção ao interior do Sertão (GALVÃO, 2001).

A seguir duas capas de folhetos do poeta Leandro Gomes de Barros, pioneiro na iniciativa tipográfica do cordel. Nas ilustrações é possível notar o cuidado na identificação da autoria, localização da tipografia, além da utilização de outro método para estampa da capa que não a xilogravura que, como posto anteriormente, passa a ser utilizada com mais frequência por incentivo de colecionadores e estudiosos.

**Imagem 2.1 Capas de cordéis de Leandro Gomes de Barros em xilogravura e zincogravura respectivamente.**



Fonte: <https://www.google.com.br>. Acessado em 11/10/2017 às 11:28

Nesse ponto, surge outra grande diferenciação entre o cordel brasileiro e o exterior, dissemelhança presente na abrangência e importância que o folheto tomou, especialmente no Nordeste, em relação ao seu ancestral europeu no velho continente. Dentro do cenário

nordestino, a literatura de folhetos desenvolveu-se de maneira proeminente e, de modo mais intenso a partir do final do século XIX e início do século XX (MELO, 2010). Tomando como referência a concepção de sistema literário de Antônio Candido (2006), pode-se afirmar que a literatura de folhetos ao se firmar enquanto um estilo, com valores que enformam a produção e um público com capacidade de ressonância se constituiu como um sistema literário autônomo que, no auge de seu desenvolvimento podia sustentar facilmente aqueles que se dedicavam exclusivamente a este ofício.

Ofício que pela grande aceitação e consumo de sua produção, pôde se destringir em algumas categorias profissionais diversas ligadas diretamente ao folheto. Têm-se dessa forma, a figura do cantador, poeta, do poeta editor, do editor proprietário e do folheteiro. Todos gravitando em torno da poesia popular, entretanto cabe demonstrar as diferenças principais que tocam essas diferentes categorias que, por vezes podiam estar presentes num mesmo indivíduo. Assim, o trabalho dos poetas e editores<sup>11</sup> pode ser englobado dentro da figura do poeta de bancada<sup>12</sup>, enquanto que o cantador e folheteiro<sup>13</sup> se constituem em sujeitos com traços mais próprios e específicos. O cantador carrega como marca distintiva em relação aos demais, o fato de trabalhar de forma proeminente com a declamação da poesia, de modo que a impressão de folhetos não se constitui no seu objetivo primordial, o cantador como o nome anuncia, era comumente contratado para duelos de improvisação ou para cantar seus poemas, entretanto é importante lembrar que não raro, um indivíduo poderia exercer todas essas atividades referentes ao cordel, desde a cantoria, a edição até a venda. Ao poeta de bancada, poderia ser concedida a benesse de produzir o folheto solitariamente, calculando com calma suas rimas, diferentemente do cantador que deveria estar pronto a trabalhar com a improvisação no seu recitar, do mesmo modo, o folheteiro também estava mais ligado ao prisma declamatório e coletivo (MACHADO, 1980).

Outra característica do cordel que o leva a ser considerado enquanto uma literatura oral é sua composição que alude ao canto e recitação. Ora, lembrando que o público que consumia os folhetos era em grande parte alheio ao mundo das letras, a estrutura e métrica do cordel eram produzidas de modo a, de forma objetiva contar a história proposta, sem grande apelo ao suspense narrativo, facilitando assim a memorização dos versos. Dessa maneira,

---

<sup>11</sup> Poetas que além de escreverem cordéis eram os donos das tipografias, imprimindo dessa forma também o trabalho de outros poetas.

<sup>12</sup> Poeta que à diferença do cantador, não fazia poemas de improviso ou participava de embates com outros poetas, produzindo desse modo seus cordéis com mais calma com intenção de publicá-lo.

<sup>13</sup> Indivíduo especializado na venda dos folhetos, independente de ser ou não também poeta, sua característica principal é a oralidade e teatralidade utilizada para atrair o público consumidor.

comumente, o consumo da literatura de folhetos se dava de maneira coletiva em que, o indivíduo letrado da família assumia a função de declamar os cordéis adquiridos nas feiras para os demais membros (MARINHO, 2012).

Esse consumo coletivo do cordel costumava se dar ao final do dia de trabalho ao passo que, poderia considerar-se a leitura do folheto como um momento de lazer que reunia toda a família e além da finalidade desopilante das cargas diárias, também servia como iniciação ao letramento dos sertanejos que pela repetição e memorização dos versos passavam a associar a palavra falada a escrita (MELO, 2010).

Ainda dialogando com as observações de Melo, especialmente em relação à questão da capacidade, ou consequência, de letramento das camadas populares através do folheto, é importante salientar a intensa preocupação dos poetas em alcançar a excelência da utilização do português em seus trabalhos, de modo que, mais intensivamente nas grandes tipografias era realizada sempre uma revisão da ortografia dos folhetos por parte do editor proprietário.

O cordel no Brasil então, não pode ser tomado apenas com uma ramificação de um protótipo externo, essa expressão popular tomou forma e proporção que lhe alçaram a uma nova categoria que, apesar de possuir o mesmo nome que os exemplares que circulavam pelo continente europeu, não devem ser tratados como o mesmo fenômeno. Outra mostra dessa singularidade pode ser observada ao se notar como ao sul do Brasil o cordel não obteve um desenvolvimento considerável, fato explicado em parte pela imigração de alemães, italianos e franceses que há muito haviam perdido o elo com a literatura popular em sua terra natal (MACHADO, 1980).

Se o cordel pode ser elencado enquanto um signo legitimamente brasileiro e, dentre as razões para tal, a formação de um sistema literário próprio se apresenta como justificativa, como então se desenvolveu e que condições propiciaram o desenvolvimento desse sistema em torno da literatura de folhetos?

A esse questionamento poderia ser elencado uma série de fatores, cada um com implicações próprias que convergem, tal como afinidades eletivas, sem causalidades planejadas, mas com influências diretas (WEBER, 1982). Reconhecendo, numa perspectiva weberiana, que o universo social é um todo caótico que não pode ser apreendido em sua totalidade, propõe-se tomar como pressuposto uma das possibilidades que propiciaram o desenvolvimento deste sistema literário do cordel ou, porque não dizer desse campo literário autônomo, a saber: a religião (BOURDIEU, 1996a).

Reconhecer na literatura popular de cordel a constituição de um campo social próprio significa além da consideração de todo o sistema de produção, comercialização e consumo que se formou em torno dessa literatura específica, assumir a praticidade que Bourdieu elenca ao utilizar essa categoria determinada “campo”. Segundo o referido autor, o campo, enquanto instrumento teórico de análise sociológica permite assumir uma postura que possibilita superar a oposição entre a análise interna e externa sem perder as contribuições de nenhuma destas.

Retomando a consideração sobre a religiosidade, como um dos elementos que estimularam a formação desse campo social, parece em certa medida tratar-se quase de uma tautologia a correlação que se faz entre cultura popular e religiosidade. Desde os primeiros estudos sobre a cultura popular, as manifestações religiosas, seja em caráter dogmático ou mítico, estão presentes. Assim, já salientava Bakhtin em suas considerações sobre o riso, o cômico e o carnaval: “Todas essas formas apresentavam um elo exterior com as festas religiosas. Mesmo o carnaval, que não coincidia com nenhum fato da história sagrada, com nenhuma festa de santo, realizava-se nos últimos dias que precediam a grande quaresma” (1987, p.07).

A presença da religião na história do cordel é sensível, ela se manifesta de forma palpável e direta na própria temática que os poetas costumavam trabalhar. Dessa forma, eram comuns os folhetos que versavam sobre figuras religiosas, embates entre figuras bíblicas e o diabo, histórias de caráter moralizante religioso, através dos contos de pactos faústicos. E para além da alusão direta da narrativa a temas religiosos, há a apropriação e reinterpretação do poeta que agrega aos diferentes textos e acontecimentos exteriores ao meio em que está inserido, elementos mágicos e religiosos. Nas palavras de Bosi:

Veja-se essa coisa complexa e surpreendente que é a literatura de cordel: o cantador, homem que domina o alfabeto e está nos confins da cultura escolar e da cultura de massas, volta-se para um público, muitas vezes iletrado ou semi-analfabeto, para explorar conteúdos e valores do homem rústico, já não em estado puro, mas em permanente contacto com a vida urbana. Ele também, de certo modo, *reinterpreta* em termos mágicos ou religiosos os acontecimentos exteriores à esfera estritamente sertaneja, e que vão desde a chegada do homem à Lua até a descida de Roberto Carlos no inferno (1992, p.16).

Entretanto, no Nordeste brasileiro essa relação “simbiótica” se apresentou também, na formação da própria estrutura de produção e comercialização. Segundo o estudo de Melo (2010) sobre as tipografias de cordel, a intensa religiosidade popular, especialmente o

catolicismo devocional, promoveu um espaço promissor para a literatura de folhetos. Inicialmente pela apreciação desse público em relação à literatura oral que facilitava a compreensão e memorização; segundo, pelo intenso fluxo de indivíduos que as datas festivas dos santos acarretavam e em terceiro, pela existência de figuras tidas como santas, a exemplo de Padre Cícero, que arregimentavam em torno de si intensas romarias.

Esses indivíduos, santificados pela massa de fiéis, e dentre eles em especial o próprio padre Cícero, irão desempenhar um papel significativo para a literatura de cordel. A partir da influência dessas figuras carismáticas, as tipografias vão encontrar um nicho comercial em crescente expansão, com um público ávido pelas histórias miraculosas apresentadas em versos. Tal influência não se dá de forma direta, não se trata de incentivos fiscais ou financeiros de tais personalidades, mas de uma permissão moral concedida por estes, para a implantação das tipografias, aliado a utilização de sua imagem nos enredos dos folhetos (MELO, 2010).

Essa relação, se manifesta não apenas na narrativa das histórias ou estórias contidas nos folhetos, mas também engloba como dito, a produção e comercialização. Assim, para aumentar os ganhos as tipografias juntamente aos folhetos, investiam na confecção de livros de orações, novenas, almanaques e, como é próprio da religiosidade popular, em artigos religiosos que extrapolam a dogmática oficial, tais como os lunários<sup>14</sup> e horóscopos (GALVÃO, 2001).

Aproveitando esse fluxo, gerado pela fama das mencionadas figuras santas, as tipografias passam a produzir os folhetos num ritmo cada vez mais acelerado, de modo que, no auge desse fluxo poderiam ser impressos até 06 mil exemplares por dia, como ressalta Melo (2010). Essas produções longe de restringirem-se as cidades sede dessas romarias, espalharam-se por todo o Nordeste, encontrando nas feiras populares o local ideal para sua comercialização.

A literatura popular de cordel, com esse impulso e usufruindo dos benefícios de um campo literário próprio que, lhe permitiu progresso, a revelia do tratamento de sublitteratura com a qual comumente os meios eruditos tratavam as manifestação da literatura popular, formou todo um complexo sistema de produção e distribuição dos folhetos, propiciando não só o retorno financeiro para os auto proclamados editores proprietários, mas também dos agentes revendedores, ou folheteiros que, se concretizavam como uma categoria profissional própria desse campo literário do cordel (MARINHO, 2012).

---

<sup>14</sup> Espécie de almanaque contendo conselhos e orientações sobre os mais variados temas: fases da lua, eclipses, medicinas alternativas, agricultura e horóscopos.

Franklin Machado em seu livro “O que é literatura de cordel?”, chega mesmo a afirmar, num tom que beira o ufanismo, que: “O cordel é uma espécie de arte total: é poesia; é gráfica; é canto; é artes plásticas; é música; é teatro; é jornalismo; e é comércio.” (1980, p.124). Sem querer entrar no mérito de definir se o cordel é ou não uma arte total, como defende o autor, é possível salientar que de fato o cordel estimulou e até certo ponto ainda estimula uma série de outras atividades, no entanto, não se pode afirmar que outras expressões artísticas também não o façam. Ainda sim, é importante frisar a capacidade do folheto em constituir uma rede de comércio que se disseminou pelo Nordeste brasileiro, encontrando um público que, apesar de em grande parte iletrado, se dispõe a consumir essa literatura tão logo o folheteiro apareça na feira recitando-os.

A esfera religiosa já foi citada na ponta inicial dessa rede de produção e comércio do folheto, no entanto, também está presente na atividade do folheteiro, no seu processo de comercialização, especialmente nas feiras. Estas se apresentam como um espaço de manifestação da cultura popular e, dessa maneira o modo como o cordel é apresentado, ou disposto neste espaço, também pode revelar sua aproximação com os elementos mágicos da religiosidade popular. Como afirma Galvão (2001), os folhetos eram comercializados normalmente numa área específica da feira ou mercado, juntamente com as ervas medicinais, fumo e artigos artesanais. Alguns folheteiros chegavam a relatar que o comércio em outra parte das feiras seria perda de tempo evitando assim ficarem próximos a venda dos alimentos (ARANTES, 1982).

Essa disposição tanto na produção, quanto na comercialização do cordel, mostram seu caráter “encantado”, utilizando aqui uma referência weberiana, que não se manifesta apenas nos elementos textuais e narrativos, mas envolve a literatura de folhetos. A partir dessa consideração é sintomático que, dentro de todo o referencial pesquisado sejam raras as menções a poetas ou consumidores do folheto provenientes de denominações protestantes ou mesmo qualquer outra religião que não a católica.

Assim, o relato de Arantes (1982) em sua pesquisa sobre o cordel reforça a ligação entre o folheto e os elementos mágicos próprios da religiosidade popular devocional. Nela o pesquisador se depara com depoimentos que apontam o abandono da literatura de folhetos por parte de indivíduos convertidos a outras denominações religiosas: “Foi folheteiro, mas afastou-se por motivos religiosos. É membro da Igreja Evangélica Fundamentalista e, como tal, considera que deve abandonar a vida mundana” (p.24).

Nessa mesma lógica Galvão (2001) também se depara em sua pesquisa com esta peculiaridade da literatura popular. Em uma de suas entrevistas, uma senhora de 68 anos atribui seu desconhecimento da literatura de folhetos a sua pertença a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Mais a frente os poetas entrevistados, todos autodeclarados católicos, tentam dar uma explicação para a rejeição dos protestantes a literatura de folhetos:

[...] “os crentes” não gostam de folhetos, pois, além de não se identificarem com os conteúdos das histórias, gozadores dos “nova seita”, não se coadunavam com as maneiras de viver dos poetas e também dos leitores/ouvintes, muitas vezes associadas à boemia” (p.103).

Esse impasse que se cria entre a literatura de folhetos e as religiões ascéticas, demonstram outra face do imbricado relacionamento da esfera religiosa com a literatura de cordel. Inicialmente foi reconhecida a importância da esfera religiosa, de maneira proeminente em sua versão católica popular e devocional, para a configuração de um campo social literário do folheto, entretanto resta salientar que são os atributos mágicos e encantados dessa expressão religiosa que corroboram com a literatura de cordel.

Tomando como referência algumas considerações de Weber (2010) sobre religião, é possível notar que as religiões e/ou denominações religiosas de caráter mais ascético e racionalizante, através da eliminação de termos intermediários, compreendendo aqui as mediações dos santos, e todos os rituais que promoveriam “barganhas” com a divindade, resultam numa espécie de barreira contra a literatura de cordel. Reconhecendo que, mesmo aqueles folhetos que não versam sobre temas que tocam o quesito religioso, estão envolvidos por uma atmosfera que remete a religiosidade popular, seja no modo e local de comercialização, a exemplo de seu posicionamento nas feiras, seja na figura e estilo de vida dos próprios poetas e folheteiros.

O campo literário que se forma em torno da literatura de cordel apresenta essa disposição entrelaçada à religiosidade popular em seu caráter mais encantado. Dessa maneira, as pré-disposições religiosas podem ser elencadas enquanto elementos que fomentam a produção e consumo de folhetos no Nordeste brasileiro. Até a década de 1960 as afinidades entre a literatura de cordel, a esfera religiosa e o cenário econômico permitiram a manutenção desse campo próprio da literatura popular.

No entanto, com a crise da indústria editorial no Brasil na década de 1960 e o crescente encarecimento do papel, matéria prima essencial às tipografias, as editoras populares entraram em colapso. Diferentemente das editoras que publicavam os grandes

nomes da literatura, especialmente aquelas ligadas a políticos que, conseguiram financiamento para superar as dificuldades, as tipografias populares foram completamente esquecidas (BENJAMIM, In: NEMER, 2008).

Contando apenas com as bênçãos de “Padin Ciço”, as tipografias começaram a ruir a partir da década de 1960 e como consequência o processo de produção dos cordéis perderam parte de sua proximidade com os centros de romarias, se disseminando em pequenas editoras espalhadas pelo Nordeste sem o mesmo apelo que as grandes tipografias possuíam. Sem a base econômica favorável, a produção dos cordéis perdia um de seus grandes atrativos, que se manifestava no baixo preço dos folhetos que, eram destinados a um público que não possuía condições de investir grandes quantias em livros, posto que, excluindo-se a literatura de cordel, o apelo à leitura nas camadas populares era reduzido, tendo em vista o alto índice de analfabetismo que marcava o cenário brasileiro neste período.

Nesse cenário de crise da literatura de folhetos, as manifestações intelectuais previam, como faziam desde o início, a iminente “morte” do cordel (MELO, 2010). Entretanto, longe de desaparecer, o cordel passou por transformações que lhe permitiram sobrevivência, dentro de um novo panorama, em que rivaliza e disputa espaço com os novos meios de comunicação e a própria indústria cultural (ADORNO, 2009). Dentre tais transformações interessa no presente estudo ressaltar as variações na relação entre o cordel e a esfera religiosa, considerando o processo de desencantamento que, num primeiro momento surge como hipótese dentre as mudanças que essa literatura popular sofreu ao longo das últimas décadas.

Considerando que a partir da década de 1970 o campo literário do cordel perde sua autonomia e passa a ser incorporado dentro do campo literário nacional, de modo que alguns poetas já passam a imprimir seus folhetos em gráficas e não mais em tipografias populares, começa a se observar certo distanciamento da produção do cordel em relação à esfera religiosa. Isso se apresenta de maneira mais objetiva nas cidades menores que, diferentemente dos centros irradiadores do cordel que contavam com as maiores tipografias, tais como Juazeiro e Recife, possuíam produções mais independentes e em pequena escala, ou mesmo, recebiam os folheteiros de outras cidades em suas feiras.

Nestes recortes, os efeitos da crise na produção de folhetos puderam ser sentidos de maneira mais rápida e forte. Como boa parte dos folhetos que circundavam nas cidades menores era proveniente das tipografias maiores de Juazeiro e Recife (MELO, 2010), as pequenas cidades do interior do Nordeste puderam vislumbrar em primeira mão a diminuição da atividade dos folheteiros nas feiras e festividades religiosas.

Dessa forma, nestas cidades, o cordel que segue produzido apresenta de maneira mais clara as transformações e novos modos que a literatura de folheto tem encontrado para subsistir dentro do campo literário. Uma destas é o caráter de gratuidade, que Bourdieu (1996a) apresenta em seu livro “As Regras da Arte”, o qual infere na falta de expectativa de um possível retorno financeiro da obra, ou dissimulação dessa expectativa. Assim, os cordelistas que principiam ou continuam seu trabalho a partir da década de 70, ao menos a maior parte destes, não podem mais confiar no retorno econômico do folheto, no entanto isso não impediu que os poetas continuassem sua produção artística.

Como argumenta Proença, apesar do grande apelo comunicativo do folheto, o poeta popular contrariamente as décadas passadas não vive exclusivamente de sua comercialização, mas de uma renda proveniente de ofícios que, na maioria das vezes são completamente estranhos à poesia. No entanto, mesmo não esperando retorno financeiro de sua arte, o poeta:

Continua vivendo para sua poesia, se orgulha de vê-la respeitada por amigos, leitores, fregueses; revelam acentuada consciência do valor poético/social daquilo que escrevem, seja valendo-se do espaço das caatingas, seja do material urbano. Têm orgulho de sua obra e de seu ofício (1976, p.41).

Tal situação remete as contribuições de Pierre Bourdieu (1996b) acerca, da noção de dom e gratuidade da obra de arte. Ao passo que o cordel vai perdendo sua capacidade econômica, os poetas populares vão entrando na lógica de um retorno que extrapola o do capital econômico e se insere na ótica do capital simbólico. O *status* que a poesia popular passa a proporcionar na medida em que sugere sinais de desaparecimento, proporciona uma das vias de sua manutenção.

Mesmo no campo literário fora da literatura popular a segurança econômica do escritor nunca foi algo garantida, a profissão de escritor ou de artista possui uma indefinição, ou falta de codificação que frequentemente só permitem ao artista a manutenção de sua profissão principal através de uma secundária da qual tira seu sustento (BOURDIEU, 1996a). Deste ângulo a literatura de cordel parece ter demonstrado no seu auge, uma capacidade de conceder segurança financeira aos poetas, superior à literatura oficial que se desenvolvia no país. Ainda na contemporaneidade os baixos índices de leitura nacional não parecem dar mostras de grande evolução neste aspecto.

Assim, o prestígio social e o valor simbólico da obra, tomam dianteira na lógica produtiva do cordel que, nessa nova fase, dificilmente pode ser tido como fonte primordial de renda (BOURDIEU, 1996a). Dessa forma, os poetas populares que permanecem ativos e

produzindo, especialmente estes distantes dos centros que, um dia foram polos da literatura de cordel, se constituem como indivíduos que podem ser considerados enquanto tipos ideais, no que se refere a análise do desencantamento sobre essa arte popular (WEBER, 1982).

O caráter mais independente dos poetas populares que produziam no interior do Nordeste, permite pensar a literatura de folhetos para além das grandes tipografias e como dito, encontrar nestes artistas e em seu trabalho sinais das transformações que o cordel teve que passar para se perpetuar no novo cenário que se formava e que constitui os dias atuais. Já nas décadas finais do século XX a preocupação com essa literatura e seu futuro, por parte dos intelectuais, levou o cordel para as universidades como objeto de estudo. Apesar disso, a consideração do cordel como uma expressão literária não se desenvolve com estas iniciativas, a luz do que já ocorria desde as primeiras abordagens sobre a literatura de folhetos.

Outro movimento que demonstra a mudança na tonalidade dos cordéis se dá em seu conteúdo temático e no público a que alguns poetas passam a destinar sua produção. A utilização contemporânea do folheto no ambiente escolar vem a se apresentar como um bom exemplo disso, os folhetos que comumente tratavam de temas folclóricos, noticiosos, encantados em seus diversos aspectos, passam a tematizar as disciplinas escolares evocando habilidades que possuíam em meio às camadas populares, que seriam o estímulo ao letramento e memorização. O cordel passa desse modo por uma mudança e apropriação que, além de eliminar boa parte dos elementos mágicos e encantados que o formava, instrumentalizam-no sem, contudo dar ênfase a seu caráter literário (ALVES, In: FERREIRA, et. al., 2011).

A assimilação do cordel de modo utilitarista pelo sistema escolar brasileiro, especialmente no Nordeste, tem representado uma das mudanças que o cordel assumiu nas últimas décadas, de modo que, não raro, tem sido o ambiente escolar o novo ponto de contato das novas gerações com a literatura de folhetos, através dos sarais e disciplinas de estudo. Apesar disso, como salientado por Alves (2011), a tonalidade utilitarista do cordel no ambiente escolar tem mantido vivo o velho ranço do “popular”, subvalorizando o cordel em relação às demais expressões literárias tidas como oficiais. Segundo Marinho: “A presença de textos de cordel nos livros Didáticos de Português denuncia um preconceito em relação aos textos que foram produzidos pelas camadas populares, pois confere valor apenas como ensinamento não como resultado de uma elaboração estética” (MARINHO, In: FERREIRA, et. al. 2011, p.194).

Tal movimentação espacial, temática e de público do cordel, demonstram não só as dificuldades que surgiram após o fim da sua era de ouro, mas implicam também nas exigências e reverberações das transformações sociais ocorridas ao longo das últimas décadas. Existe um processo de modernização da sociedade brasileira, ainda que tardio em relação a outras sociedades, que coloca em questão os valores e a própria cultura. O mundo encantado através do simbolismo vem sendo desencantado por força do conhecimento das leis específicas que o regem (SOUZA, 2000).

O cordel, do ponto de vista de seu consumo, parecia importar mais pelos valores e crenças recordados na construção narrativa os quais o público reconhece e se alimenta no seu cotidiano, do que pela atualidade das notícias ou veracidade dos fatos descritos (GALVÃO, 2001). Ao menos esta se apresentava como a vertente principal dentro das pesquisas sobre a literatura de folhetos. Entretanto, considerando essa guinada que ocorre para o público escolar e mesmo a mudança temática que alguns poetas assumem, tentando dar ares de cientificidade ao cordel, seria possível considerar que, o folheto entra nesse movimento de desencanto da sociedade e ao invés de apresentar os elementos encantados com seus valores e crenças que norteiam e dão sentido a existência, passam a se tornar mais técnicos na perspectiva de contribuir para o avanço do conhecimento?

Até este ponto as considerações se debruçaram sobre o cordel numa esfera mais ampla, tomando seu desenvolvimento desde a chegada do velho continente, até as modificações que transcorreram para essa poesia popular assumir traços próprios da cultura do nordestino e, porque não dizer, do brasileiro. Assim como sua jornada pelas análises dissecantes da camada intelectual, no intento de determinar o cordel como um signo de identidade nacional.

Considerando todo esse percurso, a sua popularização e constituição de um sistema literário, cabe trazer o fenômeno da literatura de folhetos para mais próximo do ambiente em que a presente pesquisa se propõe a analisar os dados. Nesse sentido é importante frisar as idiosincrasias próprias que a literatura de cordel encontrou dentro do estado do Piauí. Apesar de não se constituírem em tópicos de extrema divergência entre os processos de desenvolvimento do cordel no restante do Nordeste, é de suma importância situar as peculiaridades que o território piauiense oferece a literatura de folhetos.

Dentre as maiores diferenças que se pode elencar quanto ao campo que o Piauí apresentou a literatura de cordel, pode-se citar a questão tipográfica. Contrariamente a outros estados do Nordeste, como Ceará e Pernambuco, o Piauí não contava com figuras

aglutinadoras do processo de produção dos cordéis. A presença do poeta editor ou de um editor proprietário não chegaram a tomar destaque neste recanto do Nordeste (CARVALHO, 2001). Daí deriva que, desde cedo a produção do folheto no Piauí contou com tiragens em escalas menores de poetas autônomos do próprio estado e, com a vinda da produção dos cordéis das grandes tipografias através do trabalho dos folheteiros.

Outra sintomática peculiar do Piauí é sua aparente condição de “centro receptor” de poetas migrantes, o que de modo algum diminui a relevância da atividade poética no estado, mas, pelo contrário, torna-o especialmente propício ao estudo por apresentar num território a experiência e tradição poética de cordelistas provenientes de diferentes áreas do Nordeste (CARVALHO, 2001).

Tendo em mente essas pontuações, resta considerar então como se desenvolve no Piauí esse movimento de crise e transformação que perpassa a literatura de cordel. Como afirmado, a falta de tipografias de grande relevo e poetas editores que centralizavam a produção propiciaram aos poetas locais a produção de seus folhetos de forma mais pontual, autônoma e em menor escala, fato que também permitiu ao cordel dentro do recorte pesquisado (município de Pedro II-PI), sentir os impactos da crise na literatura de cordel especialmente a partir da década de 1970 e não já em 1960 como ocorreu com as grandes tipografias populares. Entretanto, os modos de comercialização, através das feiras e festividades religiosas se dava como em outras partes da região. Como Gilmar de Carvalho (2001) apresenta em seu trabalho sobre os poetas do Piauí, dando voz por meio de entrevistas aos próprios poetas, o cordel também se constituía numa fonte de renda considerável para os cordelistas, até o período das crises econômicas e consequente encarecimento da matéria prima, sem contar a crescente chegada da mídia televisiva.

Do mesmo modo que em outros estados, no Piauí o cordel também começa a desaparecer das feiras, se não completamente, mas principalmente na maneira como eram anteriormente comercializados. As caixas amplificadas e a declamação teatralizada perdem espaço e torna-se cada vez mais raro, afinal uma consequência bem direta do declínio do apelo econômico do folheto é justamente o desaparecimento da categoria do folheteiro e, considerando que os poetas piauienses não possuíam tiragens no nível das grandes tipografias, ficava a cargo deles próprios a venda dos seus folhetos.

Compreender então os modos de desenvolvimento e transformação da literatura de cordel num recorte específico da Cidade de Pedro II no Piauí se constituirá no intento do

próximo capítulo. Considerando as especificidades do cenário piauiense e dando ênfase na perspectiva desencantada que o cordel no *lócus* da pesquisa apresenta a primeira vista.

### 3 SOB O PÉ DE TAMBORIL: cordel e encantamento

“Então eu conheci isso aqui sendo vendido nas feiras de Pedro II, aqui dia de sábado.”

(Chaga Gomes, 20/08/2017)

#### 3.1 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICO-DEMOGRÁFICAS

A literatura de cordel desde sua gênese se constituiu numa arte itinerante, que cruzou não apenas o território europeu, mas igualmente o oceano, vindo a desembocar na então terra de “Santa Cruz”. Em solo brasileiro essa literatura passou por transformações que impuseram a poética de raiz portuguesa uma marca própria da cultura nordestina, região na qual se desenvolveu com maior êxito.

Entretanto, mesmo dentro da região Nordeste, o cordel adquiriu características peculiares a cada cidade em que passou a ser produzido. Dessa maneira, temos em determinados locais a instalação de tipografias totalmente especializadas na produção do folheto, emitindo tiragens aos milhares por cada exemplar, proeza que nem grandes nomes da literatura no período conseguiam alcançar (MELO, 2010). E também locais em que o folheto é produzido de forma mais autônoma e em menor escala, sem a existência de polos aglutinadores (CARVALHO, 2001).

A partir dessas considerações tomaremos a cidade de Pedro II no estado do Piauí e o desenvolvimento da literatura de cordel em seu meio como ponto central do presente capítulo. Para isso, torna-se de extrema importância uma pequena digressão sobre a formação histórico-econômica da referida cidade, considerando que tais processos interferem diretamente na temática do cordel que, como bem salienta Machado (1980), é uma arte que engloba diversos meios e atividades para além da escrita.

A história do município de Pedro II principia com a chegada de João Alves Pereira acompanhado de seus irmãos Albino Pereira dos Santos, Abel Pereira dos Santos e de seu primo Antonio Pereira da Silva ao final do século XVIII. Todos provenientes de Portugal, tão logo se instalaram na região tomaram como primeira medida a construção de uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição. A lógica de ocupação seguiu o mesmo padrão da região Nordeste e do próprio Brasil: a família e a fazenda (LIMA, 2008).

Apesar dos nomes referenciais da ocupação do território da atual Pedro II ser de portugueses, é sabido que a região abrigava desde tribos indígenas até comunidades de escravos refugiados. Como bem salienta Lima (2008), as reminiscências desses grupos ainda podem ser vislumbradas em determinados bairros da cidade, como no atual “Saborá”, em

relação aos descendentes dos escravos, e em algumas comunidades da zona rural com relação aos indígenas, das quais a comunidade “Nazaré” se destaca.

Como frisado anteriormente, a família e a fazenda se manifestaram como os moldes de ocupação e vida na então denominada “Matões”, tal traço propiciou na vila o surgimento, assim como no Brasil de um modo geral, do fenômeno do coronelismo que por muitas décadas norteou o funcionamento da povoação, concentrando na mão de umas poucas famílias o poder político local (LIMA, 2008). Esse fenômeno apesar de historicamente datado (LEAL, 2012), vai deixar traços profundos na sociedade pedrossegundense e influenciar também na literatura de cordel desde sua chegada à cidade, pois como lembra Machado: “o poeta de folheto, descendente do jogral, menestrel e bufões da corte e cantador, louva quem paga. Ele vive disso e, para não ter complicações, elogia também as autoridades” (1980, p. 61).

A economia local gravitava em torno de produtos agrícolas, dos quais se pode destacar o milho, a mandioca, o feijão, o arroz e a palha da carnaúba, de onde era extraída a cera. Com especial destaque é mencionada a cana-de-açúcar que, era considerada a base da economia da vila, com a existência de diversos engenhos para a produção da cachaça, dentre outros derivados. Quanto à pecuária sua participação no comércio local era reduzida (LIMA, 2008).

Depois de um lento percurso passando de povoado a vila, depois se desmembrando de outras comarcas e após sucessivas mudanças de nomenclatura, em 1911 a cidade passa a ser conhecida pelo atual nome.

Em 28 de dezembro de 1889, a vila e o município de Pedro II voltam a se chamar Matões. Em 21 de fevereiro de 1891, a Vila passa à categoria de cidade com o nome de Itamarati, em homenagem ao Palácio da Presidência da República. Finalmente, pela Lei nº 641, de 13 de julho de 1911, até a presente data, a cidade passou a chamar-se Pedro II, em homenagem ao imperador do Brasil (LIMA, 2001, p. 41).

Notadamente, no período em que Pedro II se firma enquanto cidade é que o cordel vai dando seus primeiros passos na constituição de uma cadeia produtiva e de um mercado consumidor, tendo em vista que é justamente nesse período que Leandro Gomes de Barros<sup>15</sup> começa sua atividade pioneira com tipografias especializadas em cordel (MELO, 2010).

---

<sup>15</sup> Poeta popular que no final do século XIX iniciou a produção do cordel nos moldes que ficaram popularmente conhecidos (paginação múltipla de oito, tamanho do folheto, estampas em xilogravura ou clichê e etc.), foi a partir da atividade deste poeta que as tipografias especializadas na literatura de folhetos começaram a se instalar pelo Nordeste.

Retomando a caracterização do *lócus* da pesquisa, Pedro II está situada a 209 km de Teresina capital do estado e apresenta uma formação geográfica de serra, possuindo devido sua altitude, um clima mais ameno em relação as cidades circunvizinhas. Apesar de passar dos cem anos de idade, a cidade tem mantido um número populacional quase constante ao longo das últimas décadas, isso em parte, devido às diversas emancipações de povoados que anteriormente compunham seu território. No entanto, tais emancipações não se concretizaram completamente, tendo em vista que tais cidades continuam na dependência de Pedro II para acesso a serviços básicos, como saúde e educação ou mesmo para a atividade comercial.

Atualmente a cidade conta com 37.496 habitantes dos quais 14.830 compõem a zona rural. A população alfabetizada soma 23.868, uma evolução considerável quando consideramos o censo do IBGE de 1970 no qual apenas 4.625 habitantes (contando apenas os maiores de 16 anos) estavam habilitados na leitura e escrita. O censo de 1970 será tomado aqui como referencial por trazer um recorte justamente do período de auge e de início da crise da literatura de cordel na cidade pesquisada.

Importante também situar o padrão e variação religiosa do período em recorte. Dessa forma, cabe ilustrar, sem grande surpresa que, a religião católica é a denominação predominante na cidade, isso desde sua formação. O censo de 1970 aponta a população que se reconhece católica somando 31.041 indivíduos, enquanto que as denominações evangélicas correspondiam a 252. O censo de 2010 não vai apresentar uma grande variação no espectro católico que aumentou sua população para 33.961, já as denominações evangélicas saltaram dos 252 indivíduos para 4.586. Apesar de o crescimento evangélico representar um avanço de mais de 1000%, a população permanece predominantemente católica.

### **3.2 NA “RASPA DO MAMELEIRO”<sup>16</sup>: revisão metodológica**

O subtítulo exposto acima faz menção, ou melhor, titula dois volumes que arregimentam a produção literária do município. Estes livros de poesia organizados pelo prof. Ernani Getirana membro da Academia de Letras da cidade, reúnem os mais diversos poetas locais, com suas mais variadas formas de fazer poesia e dentre eles situam-se também alguns poetas populares com seus respectivos cordéis.

Iniciar esse tópico com esta informação significa colocar desde o primeiro momento a íntima relação que a literatura popular tem mantido com a literatura erudita na cidade de

---

<sup>16</sup> Subtítulo em referência a: Raspa do Mameleiro: antologia de prosa e poesia pedro-segundense/organizador Ernani Getirana. Pedro II, PI: EDUFPI, 2015.

Pedro II, especialmente nas duas últimas décadas, relação que não é algo fora do comum na história do cordel (MELO, 2010). Entretanto, antes de adentrar nesse escopo contemporâneo da relação entre o cordel e a literatura oficial, se faz mister reconstituir os passos da literatura popular de folheto na cidade pesquisada, compreendendo seus caminhos, transformações, espaços e atores que estavam envolvidos na sua produção.

Igualmente importante é salientar os caminhos pelos quais as informações foram obtidas na pesquisa, bem como a abordagem crítica feita sobre tais informações. Dessa forma, num primeiro momento foi necessário definir o recorte empírico dentre os poetas populares a serem tomados como referência. Para isso foram eleitos como pressupostos: o auto reconhecimento do indivíduo enquanto poeta popular, o reconhecimento externo dos demais poetas e do público consumidor, a produção de folhetos com métricas dentro do que se reconhece como cordel (sextilha, septilha, martelo<sup>17</sup> e etc.), volume e/ou impressão de folhetos. A partir destes requisitos a pesquisa tomou como referência a atividade poética de cinco indivíduos, dos quais quatro são homens e uma mulher. Os poetas situam-se numa faixa de idade que vai dos 31 até 88 anos. Procuramos através da análise dos seus cordéis e de sua trajetória de vida, compreender as transformações pelas quais a literatura popular de folhetos tem passado, especialmente quanto ao aparente desencantamento dessa literatura em comparação ao período entre 1950 até 1970.

Para a abordagem dos poetas na pesquisa foi escolhida a entrevista semiestruturada, no intuito de permitir aos cordelistas o desenvolvimento de sua fala de forma mais livre, o que, não raro, possibilitou o surgimento de colocações riquíssimas para a pesquisa, de forma espontânea por parte dos entrevistados (HAGUETTE, 2010). Considerando que uma das principais preocupações da entrevista ou do questionário é o direcionamento do entrevistado a afirmações que “agradem” o pesquisador, a entrevista semiestruturada apesar de não estar livre de fragilidades, propiciou dados importantes para a pesquisa sem a necessidade de um roteiro demasiado rígido.

A chegada ao campo é sempre um tema que toca na atividade do cientista social, desde Malinowski (1978) as reflexões sobre os modos de abordar os outros indivíduos que, se apresentam como os protagonistas de nossos objetos de pesquisa, se fazem presentes. Apesar de ser natural da cidade pesquisada, não havia nenhuma proximidade acentuada entre o pesquisador e os poetas, salvo um cordelista, todos os demais foram conhecidos no decorrer

---

<sup>17</sup> Sobre sextilha e septilha vide notas 06 e 07 do capítulo 01. Martelo: Estrofe composta de decassílabos, muito usada em versos heroicos ou mais satíricos, e nos desafios (Romanceiro dos verzejadores e repentistas de Jenipapeiro/ João Bosco da Silva (organizador). Teresina: EDUFPI, 2014, p. 32.

da pesquisa. Esta se desenvolveu a partir de um projeto de iniciação científica (PIBIC), realizado no período de agosto de 2016 a agosto de 2017 que se propunha a pesquisar os modos de reprodução da literatura de cordel e sua relação com a literatura oficial na cidade de Pedro II-PI. Diante deste trabalho as peculiaridades observadas quanto à literatura de cordel nesse recorte empírico, estimularam o desenvolvimento do presente trabalho que se debruça sobre a perda do elemento mágico, encantado na literatura de folhetos.

Desse modo, o contato inicial com esses atores se deu das mais variadas formas, desde troca de mensagens por redes sociais, até a busca de familiares que pudessem realizar uma ponte com o indivíduo. Somente esse trajeto já revela uma parte das transformações sociais e como os poetas populares estão inseridos nelas, assim aquele tom que costuma ligar a literatura popular a um tradicionalismo ou ignorância (no sentido de conhecimento) ou mesmo rusticidade, ficou logo de lado, tendo em vista a maneira como estes estão incluídos nos espaços virtuais que passam a ser mais uma janela de exposição de sua arte. Somente um dos poetas populares entrevistados não está muito inserido nesse âmbito virtual, fato mais explicado por sua avançada idade (88 anos) que por um despreço ou falta de interesse. Nos contatos durante a pesquisa o poeta demonstrou acentuada lucidez, entretanto, como bem reclamava a visão não permitia mais a escrita de seus versos.

Em relação ao reconhecimento dos espaços em que o cordel vem ocupando lugar atualmente na cidade, a observação participante foi tomada como método mais apropriado, tendo em vista que, os grupos que impulsionam e divulgam a literatura popular organizarem periodicamente encontros e sarais para seus respectivos membros (GOMES, 2011). Dessa forma, foram acompanhados os sarais ocorridos ao longo do ano de 2017, correspondendo a quatro encontros, além disso, o pesquisador também se inseriu nos espaços virtuais (grupos de Whatsaap e Facebook) em que os poetas se “reúnem” para organizar eventos e partilhar suas produções. Esses grupos se constituem de dois principalmente, sendo eles: a Academia de Letras da cidade e o Coletivo P2 de Poesia e Prosa, posteriormente será detalhada a relação desses grupos com a literatura popular de folhetos.

Além das metodologias citadas acima, também foi realizada a análise dos folhetos e cordéis produzidos pelos poetas populares tomados como referência procurando encontrar traços de encantamento ou desencantamento dentro de seus eixos narrativos, bem como do próprio processo e espaço que esses folhetos ocupam para a comercialização. Tais folhetos foram obtidos em sua maioria através das mãos dos próprios poetas abordados, ou da livraria da cidade, denominada “Tenda da Cruviana” idealizada e gerida pelo prof. Ernâni Getirana,

constituindo-se de um espaço que além de obras de autores mais universais, se propões a servir de “janela” para a literatura produzida no município. Assim, foram tomados 22 folhetos que partem desde a década de 1970 até o ano de 2017.

**Imagem 3.1 Tenda da Cruviana montada na praça no período do Festival de Inverno.**



Fonte: <http://Getirana.blogspot.com.br>, acessado em 12/12/2017 às 10:33 min.

Todo esse processo permeado por intenso estudo bibliográfico, versando desde os processos que tocam a formação da literatura popular de cordel até o arcabouço teórico da sociologia, para desse modo promover melhor sistematização dos dados obtidos em relação aos objetivos que norteiam a pesquisa.

### **3.3 A “FEIRA DO TAMBORIL”**

A trajetória da literatura de cordel não pode ser dissociada dos espaços em que se constituíam as feiras populares, com seu comércio variado, do mesmo modo na cidade pesquisada o percurso do cordel tem como porto inicial também a feira que, por suas características particulares se constituía não apenas como ponto de comércio da literatura de folhetos, mas também como fonte de inspiração para os poetas, como exemplo segue abaixo excerto de um dos cordéis coletados na pesquisa que remetem à árvore que dava nome a feira da cidade:

1º  
Primeiro eu peço a Deus  
Pai do universo e do mundo  
Uma santa inspiração  
I um pensamento profundo  
Pra mim falar sobre uma árvore  
Criada em Pedro II.

[...]

6º

Esse pau velho afamado  
Viu a cidade nascêr  
Viu nêgro sem embriagar  
Viu a cidade crescêr  
Viu um mercado animado  
Homens trocar e vender.  
(“Versos em Homenagem ao Pé de Tamboril”, de Francisco Alberto).

O cordel em Pedro II começa a se fazer mais presente, em sua modalidade impressa e comercial principalmente na década de 1950. Através de folheteiros provenientes de outras cidades para a feira local, o folheto passa a fazer parte dos momentos de descontração das famílias ao final da jornada diária de trabalho (MELO, 2010). Assim, a produção dos folhetos em Pedro II encontrou inspiração no trabalho desses poetas itinerantes que apareciam aos sábados na feira da cidade para declamar seus escritos e vender seus exemplares.

A feira é apresentada dessa maneira na fala dos poetas e também na memória do público, como o lugar por excelência da literatura de cordel, é nela que circulam primordialmente os folhetos em seus mais variados títulos e estampas. Tal consideração não encontra significado apenas na centralidade da feira enquanto o ponto onde o comércio se realizava, esse espaço se constituía num local em que determinadas barreiras sociais tornavam-se tênues, e as relações eram envoltas por outra lógica que escapava ao cotidiano (DAMATTA, 1997). Como expressa o trecho de entrevista abaixo:

Agora no sábado era propriamente a feira onde você tinha as pessoas que vinham do interior trazendo os jacás e os animais, você tinha a grande feira do sábado e essa feira, a Feira do Tamboril ela passava a ser também o lugar bem, que você tinha um espaço restrito, toda uma diversidade cultural pedrossegundense, claro hoje em dia eu digo, não seria esse o nome técnico, mas na época agente tinha o chamado de “um tudo” o de “um tudo”. Então você tinha desde o homem que vinha vender o feijão o arroz, o sal em pedra, as ervas e também aí nesse meio o vendedor de cordel que geralmente era uma pessoa que chamada de fora (Prof. Ernâni Getirana, 14/10/2017).

O próprio nome pelo qual a feira era reconhecida em toda a cidade traz uma carga de significado que influencia na sua delimitação enquanto um espaço liminar (TURNER, 1974).

A “Feira do Tamboril” como era conhecida, trazia esse nome devido a sua disposição ser tomada em relação a uma grande árvore conhecida como Tamboril, que proporcionava por sua frondosa copa, sombra aos quiosques da feira e seus passantes. Ainda segundo as contribuições do prof. Ernani Getirana, presidente da academia de letras da cidade, escritor e pesquisador da história local, a dita “feira do Tamboril” se constituía, especialmente aos sábados, num meio onde as mais diversas personalidades poderiam cruzar pelo caminho. Salutar é seu relato de que aos sábados as prostitutas da cidade tinham permissão para descer até a feira e, não raro, estavam por ali também às freiras a realizar suas compras.

Na feira as fronteiras entre o sagrado e o profano se tornavam tênues, neste espaço liminar a distinção entre essas duas categorias que norteiam grande parte das ações dos indivíduos perdem sua força distintiva e mesclam-se não apenas na figura dos passantes, mas na própria conjuntura desse comércio que por esta época também era lugar das “medicinas alternativas” com suas ervas e garrafadas receitas pelo misticismo popular (HERTZ, 1980).

Dentro desse meio, a literatura de cordel encontrava o espaço ideal para se fazer presente, reconhecendo as suas características que comumente apelavam ao gracejo, à homenagem, ao noticioso, ao faústico e encantado, a feira se apresentava como palco ideal, tanto para divulgação quanto para legitimação das narrativas (ARANTES, 1982).

Então eu conheci isso aqui sendo vendido nas feiras de Pedro II aqui dia de sábado, vinha dois cara de fora: um de Campo Maior e um de Piripiri, ficava um do lado da feira e o outro do outro lado, cada um com uma amplificadora<sup>18</sup> bem baixin, mas aí, fazia a roda de gente, não dava em nada os folheto não, vendia tudo, que não tinha outra diversão (Chaga Gomes, 20/08/2017).

Além da feira se apresentar como um espaço liminar, em que a ordem diária pode ser subvertida, especialmente por aqueles que comumente estão em desvantagem na sociedade, em Pedro II ela também assume uma caráter folclórico, no qual a árvore que dá nome a feira se apresenta como protagonista de lendas do imaginário local (DAMATTA, 1997). A feira, espaço de passagem, movimento, comércio e demais relações sociais durante o dia é também o lugar do sobrenatural durante a noite nas quais a partir das dez horas a iluminação, na época a base de óleo diesel, era cortada e a cidade caía em meio ao breu, somando a isso as intensas correntes de ar que varrem a cidade pelos meses de julho e agosto tornou-se propício o

---

<sup>18</sup> Sistema de alto-falantes que precedeu a rádio.

surgimento das mais variadas narrativas sobrenaturais, das quais os “Chora-chora do Tamboril”<sup>19</sup> se tornou a mais famosa.

Segue abaixo uma das ilustrações do Livro “Lendas da Cidade de Pedro II” que retratam a referida lenda, com destaque para o “pé de Tamboril”:

### Imagem 3.2 Capa do livro “Lendas de Pedro II”



Fonte: LIMA, E. *Lendas da cidade de Pedro II*. Teresina: Editora Katavento, 2008.

A literatura de cordel, por ser uma variante da literatura oral está constantemente próxima dos elementos folclóricos, e por um bom tempo chegou a ser categorizada e trabalhada como apenas mais um tipo de manifestação do folclore, exemplo disso são os trabalhos de Silvio Romero, especialmente seu “Estudo sobre poesia popular do Brasil” (1977). Compreende-se de certo modo o porquê de tal confusão, retomando o histórico de cordel em Pedro II percebe-se que o mesmo está, ao menos em sua gênese, sempre próximo dos centros folclóricos e se apropriando desses em suas narrativas.

Entretanto, diferentemente do folclore, o cordel possui um processo autoral reconhecido de modo que, não está perdido no tempo ou disseminada na figura de vários criadores sua produção (CASCUDO, 1978). Importante salientar essa diferença que ainda

---

<sup>19</sup> Lenda que compõe o folclore do município e se baseia em relatos de indivíduos que dizem ter escutado o lamento de espíritos sob o pé de tamboril que existia no centro da feira até a década de 1970.

pesa sobre a literatura popular, dificultando e por vezes diminuindo sua apreciação diante da literatura oficial (MELO, 2010).

Retomando o surgimento da literatura de cordel no *locus* da pesquisa, viu-se que a feira ocupa aí, do mesmo modo que em todo o Nordeste um papel central para a disseminação do folheto. É a partir desse espaço que os habitantes locais vão tomando conhecimento dessa literatura em sua forma impressa, tendo em vista que o cordel se constitui numa variante da cantoria que já anteriormente era popular pelo sertão nordestino (GALVÃO, 2001). Como pontua Galvão, o folheto de cordel encontra sua raiz na prática da cantoria dos poetas sertanejos, no entanto, apenas quando esta poesia se encontra no contexto urbano consegue se desenvolver e sistematizar para os moldes impressos que, num movimento contrário voltariam para os interiores a serem comercializados nas feiras.

A “Feira do Tamboril” com seu ar de encantamento, e propriedades liminares irá se manter até a década de 1970 como pano de fundo para a atividade dos poetas e folheteiros que, sabiam muito bem como se apropriar desse espaço e atrair o foco das atenções para si. Segundo narra um de nossos entrevistados:

Então havia um momento que ele, que essa cobra era tirada de dentro desse baú e começava uma moça, mulher dele, filha, eu não sei, enrolada nessa cobra chamando a atenção de todo mundo e enquanto isso ele ia vendendo (Prof. Ernâni Getirana, 14/10/2017).

A teatralidade dos folheteiros arregimentava para si os passantes, em sua maioria trabalhadores rurais, que se amontoavam para escutar as histórias fantásticas sendo declamadas. No entanto, não apenas as pessoas humildes se rendiam a arte dos cordelistas, segundo relatado, apesar de demonstrar certo desdém à aglomeração em torno dos poetas, também os mais abastados enviavam algum “menino” para adquirir exemplares.

No ano de 1972 ocorre o corte do dito “pé de Tamboril”, gerando grande polêmica na cidade, tal fato foi exigido pelo então prefeito para viabilizar a construção de um mercado mais moderno, que de fato veio a ser construído no exato lugar da finada árvore. Tal polêmica foi registrada no cordel de Francisco Alberto, dedicado à memória do Tamboril:

[...]

19º

O Dr. Grande vulto então

Eu quero falar após

Foi nosso prefeito e grande advogado

Eu posso afirmar a vóis

I cortou nosso Tamboril, mas deixou  
Um belíssimo galpão pra nós.  
("Versos em Homenagem ao Pé de Tamboril", de Francisco Alberto).

Juntamente desse movimento, têm-se na cidade a chegada dos primeiros televisores e a difusão do rádio o que acabou diminuindo o interesse da população em adquirir folhetos, aliado também a esses saltos tecnológicos e de informação há o encarecimento do papel utilizado como matéria prima do folheto. Tal fato dificultou o trabalho e permanência dos folheteiros que mantinham ponto na feira local, o folheto passava a ser economicamente pouco rentável incapaz de garantir as necessidades financeiras do artista como até então o fazia (MELO, 2010).

Interessante notar essa reviravolta na comercialização do folheto, num período de extrema pobreza em que na cidade não chegavam a dez os veículos motorizados, o folheteiro aparecia de carro, se hospedava em algum prédio próximo à feira e vendia rapidamente seus exemplares para as mais diversas camadas da sociedade. No entanto, em menos de uma década todo esse prestígio da literatura de cordel despenca e o poeta já não pode confiar na sua arte como principal meio de subsistência tendo que aderir a alguma outra profissão (PROENÇA, 1976).

Além da feira outro espaço também se constituía como palco do folheteiro na cidade, este espaço, entretanto, estava circunscrito a um determinado período do ano que seriam aqueles dias dedicados à memória da padroeira da cidade. Este outro palco se constituía no festejo da padroeira local Nossa Senhora da Conceição, celebrada de 28 de novembro a 08 de dezembro a cada ano. Em tais dias o fluxo de fiéis propiciava outra espécie de feira, mais concentrada em artigos religiosos e nesse meio o folheteiro encontrava outra oportunidade de comercializar seus cordéis. Desta forma, as romarias vão mostrar também em Pedro II, sua influência sobre a literatura popular no sentido de proporcionarem uma atmosfera próspera e em certo sentido outra quebra ritual dos limites da rotina cotidiana. Como relata prof. Ernâni Getirana:

[...] se tem um momento que se parece muito com o da feira é esse dos festejos, claro que havia uma delimitação bem clara, bem evidente entre o lado popular mundano do festejo e o lado religioso [...] Sim e então esses, é claro também que na época dos festejos você também tinha o deslocamento dos vendedores de cordel para a praça da igreja, sim, ficavam também no antigo mercado, mas também se deslocavam pra praça da igreja pra perto do parque e nesse caso não só um, mas vários, três quatro vendedores de cordel, também claro que as vendas aumentavam, alguns liam, meu avô que também gostava de cordel ele comprava pra gente. (Prof. Ernâni Getirana, 14/10/2017)

A religiosidade popular em seu viés católico devocional está, desde cedo, intimamente ligada à literatura de cordel, alimentando suas narrativas ou englobando sua produção e comercialização, mesmo nas cidades onde não há polos aglutinadores com a figura de editores proprietários, a religião com suas romarias e sincretismos demonstra sua capacidade de nutrir e estimular a literatura de folhetos (CARVALHO, 2001). Apesar disso, assim como o cordel começa a desaparecer da feira nas décadas finais do século XX, do mesmo modo ele passa a ser cada vez mais escasso no comércio em torno do festejo da padroeira local.

### Imagem 3.3 Noite de festejo em Pedro II



Fonte: Página oficial da Paróquia Nossa Senhora da Conceição no Facebook<sup>20</sup>

Na imagem acima percebe-se parte do cenário retratado no recorte de entrevista anterior, a divisão do espaço entre o comercial e o religioso ainda se fazem presente, sendo que as bancas de comidas e artigos religiosos começam a ocupar lugar na medida em que se distancia da igreja, no entanto como lembrado, o cordel já não está presente em meio a essas bancas no período da festividade

Nem mesmo o fluxo reforçado de público que as festividades religiosas promoviam parecem ter sido suficientes para manter o comércio do folheto a partir da década de 1970. Além das transformações na feira local com a construção do mercado, têm-se a própria crise geral na produção do cordel que neste período já se fazia sentir mesmo nos locais em que os

<sup>20</sup> <https://web.facebook.com/Par%C3%B3quia-Nossa-Senhora-da-Concei%C3%A7%C3%A3o-Pedro-II-PI-539868752864625/>, acessado em 21/11/2017 às 18:11 min.

poetas editavam e publicavam seus folhetos de forma mais autônoma. Desse modo, a figura dos folheteiros e poetas provenientes de outras cidades passam a ser cada vez mais raras na cidade e se cria um espaço a ser ocupado pelos nativos que principiavam na literatura de cordel, já sob o espectro da gratuidade e desinteresse, tendo em vista a baixa expectativa de retorno financeiro da atividade a partir dessa época (BOURDIEU, 1996a). A seguir fotografia que demonstra como o fluxo de fiéis no período da festividade da padroeira se manteve alto no decorrer dos anos.

### **Imagem 3.4 Festejo de Pedro II em 2014**



Fonte: Página oficial da Paróquia Nossa Senhora da Conceição no Facebook<sup>21</sup>

É a partir desse período, partindo da década de 70 que Pedro II terá seus primeiros poetas populares naturais da cidade principiando a escrever seus cordéis, entretanto estes só irão começar a aparecer em forma impressa na década de 1990, em cor, formato e espaço diferente do que a cidade tinha vislumbrado até então.

Como no próprio Piauí a edição e impressão dos folhetos era descentralizada das grandes tipografias, a padronização do folheto segundo os moldes que estas utilizavam também não se fazia muito presente, dessa forma compreende-se porque os poetas populares que vão assumir o lugar que era ocupado pelos poetas itinerantes, acabaram por editar seus folhetos em moldes diferentes dos que eram produzidos até então, não mais se atendo a

<sup>21</sup> <https://web.facebook.com/Par%C3%B3quia-Nossa-Senhora-da-Concei%C3%A7%C3%A3o-Pedro-II-PI-539868752864625/>, acessado em 21/11/2017 às 18:15min.

exigência de manter a paginação múltipla de oito ou mesmo a utilização de um papel muito barato como até então era feito.

### 3.4 NOVOS PALCOS E A POESIA QUE SE REINVENTA

Em 1990 Chaga Gomes lança seu primeiro folheto denominado “Após 22 anos de derrota uma alegria pela vitória”, rememorando a trajetória política de Nogueira Filho<sup>22</sup> até sua eleição ao poder executivo. Este folheto marca a nova geração de cordéis a serem produzidos na cidade, a partir daí o poeta vai continuar sua linha de cronista da política local e posteriormente outros poetas irão surgindo e firmando no meio literário, estes também apresentando um viés mais historiográfico em suas narrativas. Apesar de considerar aqui esse folheto como um marco na produção de cordéis na cidade, é importante lembrar que já outros poetas que se identificavam mais com a cantoria escreviam seus cordéis sem, no entanto se atentarem ou interessarem na sua publicação.

Adentrando na tipificação dos poetas abordados na pesquisa a primeira imagem que surge é a de uma disparidade de idade, profissão, formação e modos de contato com a literatura de cordel. Tais disparidades logo se atenuam quando se avalia mais de perto as trajetórias de vida de cada poeta, o primeiro ponto em comum a cada um deles e em certo sentido comum aos poetas populares ou mesmo aos artistas é a ideia do dom (BOURDIEU, 1996b).

Em seus depoimentos, a poesia se apresenta para esses indivíduos como algo natural, inato, uma habilidade que sempre esteve desde criança com eles. Mesmo que desperta em idade mais avançada, ela se manifesta na compreensão dos poetas como algo que transcende e provém da própria divindade.

Eu comecei a fazer assim pra... Cantando sozinho, nunca tive professor pra me ensinar, certos colegas tinham professor, mas eu nunca tive não, meu professor só a Deus é que me ajudou, Deus é poeta e eu comecei a fazer meus versinho e até que tenho cantado com diversos poetas (Francisco Alberto, 21/05/2017).

Outro recorte tirado de um dos folhetos coletados serve como evidência da ideologia do dom que permeia a atividade do poeta popular que, mesmo em períodos anteriores quando

---

<sup>22</sup> Personagem político local que chegou a ocupar o cargo de prefeito municipal vencendo a eleição de 1988.

o folheto apresenta-se como uma fonte de renda e um trabalho como qualquer outro, afirmava a posse de um bem divino que lhes permitia a escrita dos cordéis (ARANTES, 1982).

Com a benção de meu Deus  
Nosso pai Onipotente,  
Eu adentro aos meandros  
Pelo mundo do repente  
Com a divina inspiração  
Segue firme e vai em frente

(Trecho de “Chiquinho do virgem o matador de onça” de João Ferreira, 2008).

Assim como Bourdieu (1996b) acusa em seus escritos, a autobiografia dos indivíduos carrega o perigo de uma orientação da trajetória de vida tomando uma narrativa linear, resignificando cada momento em torno de um tópico que tenha importância para o indivíduo. Essa “ilusão biográfica” que se forma no lembrar dos agentes, por si só distorcida, tendo em vista que os acontecimentos da vida em grande parte não são pré-planejados pelos atores, pode igualmente distorcer o olhar do pesquisador. Devido isso, quando os poetas apresentaram suas histórias de vida a atenção se volta para os detalhes em suas narrativas que revelavam o percurso de “formação do dom” ou mesmo do encontro de afinidades que corroboravam entre si para o desenvolvimento da habilidade poética (WEBER, 1982).

O dom surge como um desses elementos que fazem parte da “ilusão biográfica” elencada por Bourdieu, ele é atemporal, se apresenta no discurso dos poetas como uma explicação rápida e simples para a posse de um saber que estes dominam e na realidade nem lembram ou associam como adquiriram. Apesar dos mais diversos caminhos que cada poeta abordado apresentou para ingressar na literatura de cordel, a concepção de uma habilidade inata se faz sempre presente. É dessa maneira que, desde o cordelista que conheceu o cordel na feira da cidade, até aquele que tomou conhecimento dessa poética em sala de aula, o dom aparece como uma constante.

Mesmo reconhecendo que as diferenças entre os poetas populares não se manifesta de modo tão proeminente, cabe ressaltar que diferente das décadas de ouro da literatura de cordel, o poeta não se constitui mais essencialmente de indivíduos com baixo grau de escolaridade ou essencialmente ligados a vida campestre. Dos cinco poetas populares acompanhados ao longo da pesquisa, três possuem graduação e apenas um (o de idade mais avançada, senhor Francisco Alberto 88 anos), ainda reside estritamente na zona rural da cidade.

A baixa escolaridade, no entanto, não representa aqui ignorância ou mesmo analfabetismo, contrariamente os poetas com poucos anos de escola apresentam capacidade

autodidata e possuem uma diversidade de conhecimento que por vezes surpreende. Salutar o exemplo do poeta Francisco Alberto que, no auge dos seus 88 anos, possui cordéis dedicados a narrar os feitos dos presidentes brasileiros desde Marechal Deodoro até o de alguns ditadores militares, ou mesmo da história do “descobrimento” e formação do Brasil.

Quanto à segunda afirmação, de que os cordelistas estariam intimamente relacionados ao campo, esta se desfaz tão logo relembramos que o próprio cordel só chegou a se materializar em folheto quando chega na zona urbana, de modo que, os poetas populares estão mais próximos dos centros urbanos onde podem ter acesso de modo mais fácil as condições de confecção dos folhetos.

Assim como já pontuado, o cordel, a poesia, apesar de ser tida pelos poetas como uma atividade de altíssima importância para suas vidas, não se constitui como sua profissão principal no sentido de manutenção das necessidades. Como destaca Proença (1976):

Mesmo com o incrível poder comunicativo dos folhetos, o poeta popular, hoje, ao contrário do que sucedia até então, já não vive exclusivamente deles, e tem o seu emprego, via de regra estranho à arte que exerce. Mas continua, na verdade, vivendo para a poesia, e se orgulha de vê-la respeitada por amigos, leitores, fregueses; revelam acentuada consciência do valor poético/social daquilo que escrevem, seja valendo-se do espaço das caatingas, seja do material urbano. Têm orgulho de sua obra e de seu ofício. (p. 41)

Dentre as atividades profissionais das quais os poetas da cidade retiram sua renda, têm-se mecânico de motores a diesel, lavrador/aposentado, professor, professora e técnico em agropecuária. Como visto, as profissões por vezes podem ser completamente estranhas a poesia que produzem, corroborando com a afirmação de Proença. Entretanto, assim como aponta a citação acima, os poetas se reconhecem enquanto tal, têm orgulho de seu ofício que, mesmo não sendo a sua principal fonte de renda é de certo modo tida como sua atividade primordial. O reconhecimento dentro do campo social e no próprio campo literário de Pedro II-PI, especialmente a partir dos anos 2000, surge como esse retorno ocupando o lugar do aspecto econômico, como postulado por Bourdieu o *status*, o reconhecimento, a própria aparência de gratuidade se constituem como elementos que podem propiciar aos indivíduos o “ganho” pela sua arte.

Nesse sentido, o cordel produzido em Pedro II, se apresenta como um investimento a fundo perdido, tendo em vista que dificilmente se poderia tirar deles o próprio gasto com a impressão em alguma gráfica. Os poetas parecem produzir pelo prazer de ver sua arte exposta

ao público e, não raramente, alguns chegam a distribuir seus escritos de forma gratuita. Quanto a este ponto, a contribuição de Bourdieu (1996b) se faz mais uma vez positiva, no sentido de demonstrar que existem outras formas de obter retorno de algo, e que o capital simbólico pode contar tanto quanto o capital econômico em determinadas situações.

Se o desinteresse é sociologicamente possível, isso só ocorre por meio do encontro entre *habitus* predispostos ao desinteresse e universos nos quais o desinteresse é recompensado. Dentre esses universos, os mais típicos são, junto com a família e toda a economia de trocas domésticas, os diversos campos de produção cultural, o campo literário, o campo artístico, o campo científico etc., microcosmos que se constituem sobre uma inversão da lei fundamental do mundo econômico e nos quais a lei do interesse econômico é suspensão (BOURDIEU, 1996b, p. 153).

O cordel realiza assim um movimento que o aproxima da literatura oficial, no que se refere a esse véu de desinteresse que encobre a atividade artística. O folheto tão logo é materializado nas primeiras tipografias possui um caráter comercial bem delineado, ele é confeccionado aos milhares e igualmente vendido propiciando um retorno rápido ao poeta. Contrariamente, dentro do campo literário erudito o aspecto da renúncia ao lucro fácil e a espera pelo reconhecimento aparecem como elementos proeminentes, assim ilustra Bourdieu nas “Regras da Arte” em que discute a gênese do campo literário.

Observar essa mudança na intencionalidade comercial do folheto demonstra uma das consequências que a crise que se lhe abateu propiciou, devido ao esfacelamento do seu campo praticamente autônomo dentro da literatura, forçando este a se adequar aos padrões do campo literário erudito. Esse paralelo também evidencia, mais uma vez, a relação entre a academia, os literatos e a literatura popular, estes nunca se mantiveram muito distantes de suas manifestações, seja no sentido de estudá-las ou mesmo de procurar influir sobre elas (MELO, 2010).

Dentro dos limites empíricos da pesquisa, essa relação entre as manifestações da literatura popular e da literatura erudita ou oficial também foram observadas. Mesmo nos anos de grande fluxo do folheto na cidade, há menções do consumo dessa literatura por parte dos mais letrados, dessa forma o cordel desde sua aparição na feira local se faz presente nos domicílios das autoridades sendo utilizado para divertimento próprio e de seus filhos. Como pode-se observar no trecho de entrevista abaixo:

[...] então nós tínhamos aqui o senhor chamado Belezinha, que era o maior cantador de casos de cordel e ele ia pra casa da dona Ziza Barros na rua Jacó Uchôa, a dona Ziza Barros pagava a ele e ele levava cinco dias pra contar um cordel pra nós meninos. Então é, era uma sala onde se tiravam as cadeiras, o ladrilho era muito frio então a gente ficava sentado ao redor, ele ficava no meio com uma lamparina, de modo que a lamparina jogava as sombras nas paredes, e a proporção que ele ia contando os cordéis ele ia gesticulando e a gente vendo aquelas sombras na parede, criava assim um clima surreal (Prof. Ernâni Getirana, 14/10/2017).

Na contemporaneidade o cordel ocupa uma posição interessante em meio ao panorama literário da cidade, que para ser compreendido necessita passar pela descrição de dois grupos que protagonizam o cenário da literatura e da arte na cidade, a saber: a APLA- Academia Pedrossegundense de Letras e Artes e o Coletivo P2 de Poesia e Prosa. Tais grupos arregimentam em torno de si os mais diferentes poetas locais e estão à frente das atividades artístico-culturais da cidade.

A APLA surge em 2004 através da iniciativa de alguns professores e políticos, no entanto, só vai se oficializar em 2011. Apesar disso, os membros da academia já se fazem presentes na organização de eventos relevantes na cidade, como o Festival de Inverno<sup>23</sup>. A peculiaridade que se encontra aqui é a presença de poetas populares dentre os ocupantes das 38 cadeiras da Academia. Têm-se então em meio aos professores, escritores, políticos, com suas escritas dentro da normativa da língua portuguesa, o cordelista com suas sextilhas e septilhas.

Analisando mais de perto a presença dos poetas populares na Academia de Letras, percebe-se como a relação entre essas esferas sempre foi próxima à revelia dos conflitos. Em cidades menores como a em questão, afastada dos grandes centros urbanos as diferenças entre os indivíduos, em relação a escolaridade ou mesmo de posses é, comumente soterrada pelas relações de parentesco, apadrinhamento enfim, de forma geral o advogado e o cordelista podem, não raro, ter nascido no mesmo povoado, frequentado a mesma escola ou serem parentes próximos.

O Coletivo P2 se apresenta como um espaço, em certo sentido, ramificado da APLA. Como a Academia possui uma normativa que burocratiza a participação dos indivíduos, ele surge como um espaço menos formal, no qual mais poetas podem ser agregados e apresentar a sua arte e poesia. É do Coletivo P2 que se mobilizam os sarais e encontros nos quais os mais

---

<sup>23</sup> Festa pública organizada pela Prefeitura Municipal em parceria com outros órgãos públicos e privados, com o intuito de promover o turismo na cidade de Pedro II. A festa ocorre aproveitando os dias que seguem o feriado de *Corpus Christi* a cada ano desde 2004, trazendo comumente grandes nomes da música popular brasileira.

diferentes poetas com suas mais diferentes preferências se encontram. Notável dentro desse espaço é a maneira como os poetas populares são tratados, gozando de prestígio entre os demais poetas, tendo sempre um espaço reservado a apresentação de seus cordéis nos sarais organizados, assim como a divulgação de seus folhetos.

Não apenas essa ênfase na contribuição dos poetas populares nos sarais, mas o modo como o público, formado de outros poetas, reage a suas apresentações é diferenciado. Em certo sentido parece ser esperado pelos presentes algo “animado”, que toque no gracejo ou mesmo, que surpreenda. O Coletivo demonstra ser um meio no qual a teatralidade do poeta popular pode ser colocada em evidência mais uma vez, tendo em vista que, com o fim da tradição da venda do folheto na feira local e sua migração para a livraria ou a casa do próprio poeta, a declamação enquanto elemento intimamente ligado ao cordel passa a ceder cada vez mais espaço a leitura pessoal e silenciosa própria da “poesia pura do nosso tempo” (CANDIDO, 2006, p. 41).

Esses grupos que trabalham com a arte e a literatura em Pedro II, por sua composição formada em grande parte por professores da rede pública, explicam o porquê de grande parte do público que tem consumido a literatura de cordel ser proveniente do meio escolar. Assim, como alguns estudos já vêm apontando, o cordel tem passado por um processo de inserção no ambiente escolar enquanto ferramenta de ensino, aproveitando de seu apelo a oralidade que facilita o ensino da leitura e escrita e da assimilação de informações (ALVES, IN: FERREIRA et al, 2011).

A utilização do folheto no ambiente escolar tem sido questionada por diversos pesquisadores e de igual modo suscitado diferentes questões, Alves (2011), por exemplo, aponta o perfil utilitarista com o qual tem se apropriado do cordel para o apoio do ensino, para ele esse modo desconsidera o folheto enquanto uma expressão literária, tomando apenas suas características que contribuem para o letramento ou assimilação de conteúdo. Entretanto, em Pedro II a migração, ou melhor, a acentuação do consumo do folheto por parte de alunos e professores, não demonstra esse viés elencado por Alves. A resposta parece estar mais próxima do conteúdo do folheto que, de uma intencionalidade do poeta em destinar seu trabalho a este nicho específico.

Não se trata então, de uma proposta dos poetas em produzir algo direcionado para a educação dos indivíduos, mas de uma consequência inesperada resultante dos focos temáticos que os cordelistas tendem em seguir na maioria de seus folhetos (WEBER, 1982). Com o intenso apelo historiográfico, narrativas de fatos importantes da formação político-social da

cidade, biografias de personalidades importantes da região, ou de acontecimentos que marcam o imaginário social, como crimes bárbaros, os folhetos produzidos em Pedro II acabaram tornando-se uma das principais fontes de referência para a pesquisa da formação histórico-social da cidade e, como comumente esse tipo de tema interessa aos docentes e é requisitado em atividades escolares, esse público acabou se afirmando na atualidade como o mais propenso ao consumo do cordel local. Segue trecho de entrevista no qual o poeta descreve como escreveu um livro em cordel sobre a política municipal:

[...] eu escrevi um livro aqui de 300 e tantas páginas, ele tem 900 e tantas, 900 e... eu não me recordo aqui, não sei se é 985 estrofes, história política de 1931 a 2011. O vereador Joaquim Neto disse: “eu duvido que tu escreva essa história!”, digo: “vou escrever tudin sem errar um nada e não vou mentir não Joaquim Neto, eu vou escrever uma história sequente do aconteceu em 31 e vem vindo até 2011” (Chaga Gomes, 20/08/2017).

Ao assumirem esse posto de referência na busca da história local os poetas populares passam a não apenas contribuir com a memória da cidade, mas igualmente influenciam no modo como essa história será observada, lida pelos demais, tendo em vista que, por mais que os indivíduos, os poetas no caso, preconizem a veracidade dos fatos ocorridos, a narrativa não deixará de ser escrita sob a ótica e visão de mundo destes que, uma vez endossados por uma maioria vem a se tornar a narrativa oficial.

Como visto, a literatura popular de cordel em Pedro II apresenta uma história que se assemelha ao desenvolvimento do cordel em todo o Nordeste, mas, igualmente, possui também características próprias que atraem o olhar do pesquisador no sentido de compreender esses desdobramentos particulares e como eles podem trazer inferências para uma leitura mais ampla da sociedade, num movimento de exercício da imaginação sociológica (MILLS, 1969).

Dentre as peculiaridades que aparecem diante do cordel na cidade pesquisada, o seu aparente desencantamento se manifesta de maneira proeminente, como elencado, há na narrativa dos cordelistas locais uma abordagem que procura se prender aos fatos reais, deixando em segundo plano as ditas histórias de “trancoso”<sup>24</sup> com seu desenrolar mágico. Mesmo com um passado que remete, em relação ao folheto, a espaços de encantamento, com narrativas que se guiavam por referenciais mágico-religiosos, o cordel que se desenvolve posteriormente a década de 1970 apresenta esse caráter mais pragmático.

---

<sup>24</sup> Termo que remete a utilização de narrativas encantadas, míticas na literatura de cordel.

Esse percurso de transformação do folheto e de sua acentuação enquanto narrativas e de seu próprio processo de produção e comercialização com ênfase na noção de desencantamento se apresentam como a questão que norteará o seguinte capítulo.

#### **4 DA “MAGIA A RAZÃO”: considerações weberianas sobre a literatura de cordel**

“Quase todos que conheci, eu não conheci história real, só a do “Chaguinha Gomes” (risos). Eu não conto mentira, não conto, as minhas histórias é tudo é real, tudo é baseado” (Chaga Gomes, 20/08/2017).

A literatura de cordel passou por uma extensa trajetória, desde um cenário mais amplo como o nacional até um mais específico compreendendo o recorte empírico situado na cidade de Pedro II-PI. Neste espaço delimitado na pesquisa foram apresentadas as especificidades do cordel dando ênfase entre outros pontos, aos aspectos mágicos e a íntima relação que este possuía desde seu surgimento com a esfera religiosa, de modo mais proeminente com a vertente católica devocional.

No entanto, como descrito, a literatura de cordel na cidade pesquisada vem passando por um processo em que cada vez mais se torna independente da religiosidade popular para se manter dentro do contexto literário local. Essa passagem do cordel tanto na perspectiva narrativa quanto nos elementos que englobam a sua produção, para um viés cada vez mais historiográfico e mesmo próximo da literatura tida como erudita, apresenta aspectos que podem ser trabalhados sob o norte dos conceitos weberianos de secularização e desencantamento, com especial ênfase a este último. Para compreender esse paralelo pretendido entre o cordel e estes conceitos de Weber é necessário primeiramente explicitar o que sociólogo pretende evidenciar a partir de cada um deles.

No início do século XX Max Weber traz ao público uma série de textos sobre a temática religiosa que se tornarão célebres, ou melhor, verdadeiros clássicos, ainda que o próprio autor não creditasse muito a ideia de um estudo se “perpetuar” pelo tempo. Como ele mesmo afirmava, esperava se tornar obsoleto em não menos que 50 anos (WEBER, 2008). Ainda sim, seus textos, longe de terem perdido a importância, mantêm uma atualidade e relevância que inspira fortes debates e descobertas no espectro científico das ciências sociais.

Importante compreender aqui a leitura que Weber procura desenvolver acerca do fenômeno religioso e porque esse tema se tornou aquele que lhe rendeu maior fama no mundo acadêmico, afinal é com a renomada “A ética protestante e ‘espírito’ do capitalismo” que Weber vai encontrar grande repercussão. A religião não se manifesta como um objeto a que Weber queira destinar o desenvolvimento de uma sociologia específica, no sentido de resumir a questão religiosa a sua própria esfera. Contrariamente, o sociólogo parte dos fenômenos religiosos para compreender o desenrolar de suas consequências nas mais diversas esferas da sociedade, com especial destaque a esfera econômica (PIERUCCI, 2003).

Não se trata de pensar a religião enquanto um “fato social total” perspectiva de Maus (2003) ou Durkheim (2000), tal tipo de consideração totalizadora não faz parte da abordagem weberiana. Nem igualmente, de pensar a sociedade através de um reducionismo a uma de suas esferas, mas em analisar como se dá a relação entre essas diversas esferas sociais e, considerando o período e desenrolar histórico, dar à devida ênfase a esfera que englobava até então grande parte da sociedade ocidental. A partir desse requisito weberiano não determinista que podemos tomar conceitos como os de desencantamento e secularização para além da esfera religiosa, compreendendo suas influências nas demais esferas sociais seja pela sua presença ou mesmo pela sua ausência.

Assim como seus contemporâneos, Weber está preocupado em compreender as grandes transformações pelas quais passava a sociedade, tendo em vista as consequências da revolução industrial e o estabelecimento do capitalismo enquanto sistema econômico hegemônico. Nesse sentido, surgem as dúvidas sobre qual ponto de partida tomar como referência para analisar a efervescência de mudanças pelas quais as sociedades ocidentais passavam.

Para alguns autores a largada só poderia ser dada a partir da linha econômica com todas as suas implicações nas demais camadas da estrutura, assim pensava Marx e daí produziu seus estudos. Entretanto, sem assumir uma inversão da metáfora da base-superestrutura marxiana, Weber se propõe a pensar essas mudanças, como dito, a partir da esfera religiosa, especialmente na maneira como esta influencia o modo como os indivíduos lidam com o “mundo”, ou seja, como ela interfere nas ações dos indivíduos em relação às demais esferas sociais (WEBER, 2004).

É nesse ponto que Weber demonstra sua originalidade, sem procurar dar respostas completas ao complexo universo social, ele aponta que existem outras possibilidades de interpretação e, que esse universo social é demasiado caótico para que possa ser explicado de forma linear ou total. Assim, ao partir da religião para explicar as transformações sociais e o próprio capitalismo, ele não está simplesmente subvertendo a metáfora da base-superestrutura, mas demonstrando que há uma infinidade de fatores que se inter-relacionam e influenciam para dar origem à dinâmica social.

É neste sentido que Cancline (1983) demonstra ao estudar a cultura popular no México que, as produções artísticas do povo não podem ser compreendidas tomando-as como uma “expressão autônoma do seu temperamento”, elas também se constituem numa relação com o sistema econômico e podem mesmo influenciar a este. Dessa forma, a perspectiva weberiana

permite olhar a cultura popular e dentro dela a literatura de cordel sem tomar de antemão uma explicação determinista, no sentido de afirmar que esta é apenas fruto de uma relação econômica, ou de transformações na esfera religiosa.

Sem querer reduzir o sistema capitalista a uma mera consequência da mudança de comportamento religioso, Weber aponta que estas mudanças possuem em relação ao capitalismo, uma série de afinidades que em contato propiciam o desenvolvimento de ambos. Desse modo, o ascetismo intramundano das igrejas protestantes de vertente calvinista, composto do reconhecimento do trabalho, acúmulo e parcimônia no uso de capital como símbolo e certificação da salvação, conflui com a matemática de poupança e lucro do sistema capitalista (WEBER, 2004).

Entretanto, o principal ponto dentro desta questão é, o que interessa no presente trabalho, não são as afinidades eletivas entre a ascese e interpretação calvinista da vocação, tanto quanto a leitura que Weber realiza a partir dessas afinidades do processo de racionalização da sociedade. “Com efeito, todo o arcabouço metodológico weberiano está constituído sobre uma sequência de dualidades, articuladas em torno de uma que é dominante: racional/ não racional” (COHN, 2003, p. 09). Nesse contexto é que irão surgir duas acepções conceituais que tanto farão parte do cenário de debates específicos da sociologia da religião, como a exemplo de Weber, servem para apontar questões mais amplas da sociedade. São elas a ideia de secularização e desencantamento.

Essas duas terminologias, irmãs por certo, mas não iguais em significado, aparecem junto à interpretação da esfera religiosa como conceitos que expressam o avanço da racionalidade dos indivíduos na sociedade. Desse modo, quando Weber salienta que as seitas: calvinista, pietista, metodista e etc., são mais desencantadas, procura expressar com isso a diminuição do apelo mágico que coage a divindade em relação ao compromisso pessoal de inserção e realização no mundo da vocação profissional tida como dada pela divindade (PIERUCCI, 2003).

A esfera religiosa se manifesta desse modo para Weber, como um termômetro da racionalidade e do processo, inexorável para ele, de racionalização que já demonstrava seus sinais no período em que o sociólogo escreve (WEBER, 2004). Nesse sentido, a secularização e o desencantamento se apresentam como manifestações que evidenciam a modernização da sociedade e sua passagem para novas formas de organização que superem a dominação tradicional e se firmem numa ética que dê valor aos meios em relação aos fins, na qual os indivíduos estariam pautados num sistema em que o poder encontra obediência através de

uma dominação tipo racional-legal (WEBER, 1982). Dessa forma, a secularização e o desencantamento são conceitos que possuem uma aplicabilidade para além da esfera religiosa, ainda que visualizados a partir desta. Baseado nesse contexto que nos apropriamos dos conceitos de secularização e, especialmente desencantamento, para compreender as transformações ocorridas ou em processo na literatura de cordel na passagem do século XX para o século XXI.

Entretanto, antes de prosseguir nas possibilidades de utilizar esse conceito sobre as manifestações da cultura popular, cabe realizar uma explicitação do que implica cada um desses conceitos e, considerando que, apesar de estarem intimamente relacionadas, ambas as terminologias indicam processos distintos ainda que, juntos desemboquem no mesmo panorama de uma sociedade racionalizada.

Secularização talvez seja dentre os dois o que esteja mais disseminado no senso comum, não raro se escuta entre os indivíduos de “alma religiosa” que afirmam sua fé na figura do divino os “terríveis males” dessa sociedade secularizada (SIMMEL, 2010). Entretanto, o que significa de fato essa secularização? Para Weber (2004), neste conceito se apresentava a ideia de um “crescente encolhimento”, com o perdão do trocadilho, da esfera religiosa. Para ele esse “encurtamento” da esfera religiosa propiciaria com o passar do tempo uma maior autonomia das demais esferas até que por fim a esfera religiosa perdesse por completo sua influência sobre as demais.

Este conceito contribui com nossa leitura do fenômeno da literatura de cordel quando pensamos especialmente no seu processo de afirmação dentro do Nordeste brasileiro, região na qual essa literatura popular encontrou a partir do imaginário religioso, místico e sincrético com uma população que possuía como referência institucional principalmente a Igreja Católica, um público pré-disposto a consumir essa produção literária que em determinados centros passou a funcionar em relação direta com o fluxo de indivíduos propiciado pelas romarias (MELO, 2010).

A secularização pode em certo sentido, ser tomada como uma profecia de morte a recair sobre a religião e, por certo período de fato essa se tornou o panorama de futuro no qual vários cientistas sociais inspirados em Weber acreditaram. Apesar disso, transcorridos quase um século do lançamento da “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, a religião continua existindo e em alguns aspectos, se desenvolvendo. A ciência costuma falhar quando profetiza, afinal esta não dispõe das benesses de um “conselheiro do além”, no entanto, pode-se argumentar que, longe de propor um diagnóstico de futuro fechado e determinista, algo

fora do modo weberiano de fazer ciência, o que Weber aponta mais do que uma necessária diminuição da religião é a diminuição do poder e influência dessa esfera, é a passagem de sua presença da esfera pública para o exílio na esfera privada (PIERUCCI, 1997)<sup>25</sup>.

Tomando esse pressuposto como foco é possível defender ainda o conceito de secularização, assumindo sua utilidade como medidor da presença e força da esfera religiosa. Como advoga Pierucci (1997), o distanciamento da esfera religiosa do Estado e seu aparato legal se constituem como o elemento principal para reconhecer em que ponto se encontra a secularização de determinada sociedade.

Aqueles, pois, dentre os críticos da teoria da secularização que sinceramente gostariam de acreditar do fundo de seus corações que o "retorno do sagrado" representa efetivamente um desmentido empírico da teoria da secularização, ou então uma reversão real de sua trajetória dada como irreversível, fariam bem em prestar mais atenção ao sentido original do termo e atentar para o quão imprescindível continua sendo, para o nosso bem viver em sociedades multiculturais e religiosamente plurais, a secularização assim entendida: como secularização do Estado, da lei, da normatividade jurídica geral (PIERUCCI, 1997, p. 24).

Se reconhecemos que, a esfera religiosa possui uma íntima relação com a literatura popular, então reconhecer que esta têm diminuído sua influência na sociedade como um todo implica igualmente apontar como isso interfere nesta literatura. Se nos períodos áureos da literatura de cordel a simbiose que esta realizava com a religião era suficiente para manter seu *status* e garantir sua capacidade comercial, com a perda de prestígio e a separação, ainda que lenta no Brasil, entre a religião e o Estado, com igual passagem dos centros de poder das mãos do sacerdote para figuras seculares, e a disseminação de um ensino científico e menos confessional, o cordel passa a também se distanciar da esfera religiosa, com impacto não apenas em sua capacidade comercial, mas até mesmo nos seus eixos narrativos.

Partindo desse breve reconhecimento da secularização cabe agora pautar o que vem a ser o desencantamento, outro conceito que assume destaque dentro do arcabouço desenvolvido por Max Weber. Como reconhecido anteriormente, desencantamento e secularização são termos que por andarem próximos, por vezes se confundem, entretanto, um não é estritamente dependente do outro (PIERUCCI, 2003).

---

<sup>25</sup> Importante considerar, entretanto as particularidades do caso brasileiro, onde ocorre uma crescente nos movimentos e igrejas de cunho pentecostal, até mesmo com a formação de partidos políticos e bancadas no congresso nacional, numa espécie de tentativa de retomada da esfera pública e do Estado por parte da religião. O debate entre os defensores do processo de secularização e os de "reencantamento" da sociedade seguem acalorados, no entanto, não é objetivo desta pesquisa versar sobre este ponto específico, tendo em vista que o que se propõe é a observação do desencantamento na literatura popular.

Dentro de sua mais famosa obra (A ética Protestante), o conceito de desencantamento se faz mais presente que o de secularização, possivelmente pela própria aplicabilidade do conceito, afinal na referida obra o que está em pauta é a afinidade entre a ética religiosa desenvolvida no seio da igreja calvinista e suas ramificações em relação ao capitalismo, não se trata por tanto, de um estudo sobre a diminuição do fenômeno religioso.

Nesse aspecto, o desencantamento vai ganhar destaque, posto que, este faz referência a mudanças que se manifestam na estrutura interna da religião. Se de um lado pode-se ligar a ideia da secularização a diminuição da esfera religiosa e de sua influência sobre as demais, especialmente sobre o aparato estatal, por outro lado pode-se compreender o desencantamento como a diminuição do apelo mágico no interior da religião. Assim, a secularização seria o processo de racionalização para fora da esfera religiosa e o desencantamento o processo de racionalização no interior da própria esfera (PIERUCCI, 2003).

Assim o conceito de desencantamento ganha também uma ênfase especial na pesquisa, posto que, sua aplicabilidade remete a um olhar que vai do exterior para o interior, do mesmo modo a intenção é adentrar no interior da literatura de cordel na cidade de Pedro II e compreendendo essa racionalização que o cordel tem passado.

Quando se volta para o desencantamento, Weber faz uma leitura para dentro do fenômeno religioso para daí retirar suas implicações externas. Entretanto, dizer simplesmente que o desencantamento representa uma crescente da racionalização dentro da esfera religiosa não se constitui numa boa explicação. O termo, em sua utilização pelo próprio Weber, possui um caráter polissêmico, assumindo ora um determinado significado, ora outro.

Dessa maneira, numa abordagem mais apurada podem-se elencar duas implicações que o conceito de desencantamento acarreta. A primeira seria o paralelo entre este e a noção de “desmagificação”, ou seja, a perda dos elementos mágicos que povoam a esfera religiosa de modo a através de algum meio ritual coagir a divindade (PIERUCCI, 2003). A segunda acepção se refere ao desencantamento enquanto “perda de sentido”, tendo em vista que, o ritual, a magia serve como âncora de significado, o desencantamento pode desse modo, acarretar a ausência de referências (DAMATTA, 1997). Como Pierucci aponta em seu estudo sobre a presença do termo na bibliografia de Max Weber:

Eis pois, o resumo quantitativo das acepções dadas ao termo por seu autor: das dezessete incidências do significante, em nove ele vem usado para significar “desmagificação”; em quatro , com o significado de “perda de sentido”; e nas quatro restantes ele vem com as duas acepções (PIERUCCI, 2003, p. 58).

Dentro dessa matemática da significação do termo, fica claro, pela sua incidência que, a noção de “desmagificação” é aquela mais utilizada pelo autor em sua obra. Isto implica na centralidade que Weber coloca a concepção de que a presença de instrumentos, mágicos ou rituais é a chave para compreender o processo de racionalização dentro da religião. Assim, ao contrário da secularização que em certo aspecto pode corresponder à ideia de “menos religião”, o desencantamento, contrariamente, não pode ser tomado como evidência de uma diminuição do fenômeno religioso, mas da diminuição do apelo a meios intermediários entre o indivíduo e a divindade, com o desencantamento o indivíduo não dispõe mais de meios para barganhar com seu deus (PIERUCCI, 2003).

É no conceito de desencantamento que Weber vai pautar a afinidade que surge entre o protestantismo ascético e intramundano em relação ao sistema capitalista, afinal com a ausência de meios rituais para assegurar a salvação da alma, restou ao fiel apenas a efetivação de sua vocação profissional no mundo como meio de identificar e certificar-se da eleição ao paraíso (WEBER, 2004). Sem as bengalas de apoio dos rituais e sacramentos, o calvinismo passa por um processo em que cada indivíduo se torna o único responsável pela própria certificação, no sentido de que o prosperar individual é o sinal que o crente pode encontrar para assegurar-se da própria salvação.

A concepção de desencantamento como perda da magia será aqui também o significado principal a ser trabalhado com o termo. No entanto, até o presente parece estar percorrendo um texto digressivo que pouco remete ao foco da cultura popular e dentro desta, à literatura de cordel. De que modo então, pode-se relacionar esse conceito de desencantamento a manifestação literária popular?

Acredito que, assim como principiamos o capítulo, as palavras de Weber são mais adequadas a criar este vínculo entre o conceito e o objeto, de modo a não parecer uma enxertia forçada, a utilização do termo. Posto isso, que diria então Weber acerca dessa possibilidade de relacionar o desencantamento à cultura popular? Nas palavras do sociólogo:

Existe uma estreita relação entre religiosidade mágica e a esfera estética. Desde sua origem, a religião tem sido uma fonte inesgotável de ocasiões para a criação artística, por um lado, e para a estilização por meio da tradição, por outro (WEBER, 2010, p. 67).

Retomando a categoria de esfera social tão utilizada pelo autor, em seus estudos e na própria explanação sobre a conceituação da secularização, fica explícito que Weber está

preocupado em compreender as transformações na sociedade e como a diminuição da esfera religiosa impacta as demais esferas, posto que, em determinado período da história esta esfera englobava boa parte do universo social. Se a esfera religiosa possuía esta abrangência e influência não é surpresa que esta também implique sua marca a cultura popular e suas manifestações que escapam as catedrais.

A religiosidade popular, em sua vertente mágica, carrega dessa maneira uma potencialidade, no sentido de estimular o campo artístico, ela como lembrado por Weber, englobava estas esferas e chegava mesmo a resignificar suas manifestações. Como já mencionado, Bakhtin (1987) em seus estudos sobre a cultura popular na idade média, evidencia como algumas festas, o carnaval como exemplo, eram absorvidas pela religiosidade e, mesmo sem ter em seu conteúdo nada propriamente referente à religião acabavam se ligando ao calendário religioso.

A cultura popular aparece desse modo como uma esfera intimamente ligada a esfera religiosa, de modo que, não se torna difícil procurar nela os sinais do processo de desencantamento que permeia a esfera religiosa. Entretanto, até este dado momento, a leitura parece estar mais centrada nas conclusões obtidas da leitura de uma experiência social europeia, e no máximo norte-americana. Pensar essa relação entre desencantamento e esfera popular no contexto brasileiro necessita de um olhar atento às idiosincrasias próprias da nossa cultura.

Primeiramente quando Weber aponta o processo de desencantamento ele parte da experiência e desenvolvimento do protestantismo histórico de linha calvinista tanto na Europa, quanto nos EUA. É na experiência de fé dessas congregações que ele encontra sinais do triunfo de uma religiosidade moral, sem apelo a elementos mágicos como intermediários capazes de garantir a salvação, graça essa concedida apenas pela vontade divina sem vinculação a nenhuma obra ou qualidade especial do indivíduo (PIERUCCI, 2003).

No Brasil, entretanto, não se pode simplesmente tomar esse paradigma da presença de um protestantismo histórico como base essencial ao processo de secularização e desencantamento, tal aceção cai numa leitura culturalista que, como bem acusa Jessé Souza (2000), coloca a capacidade do Brasil de se modernizar em cheque, tendo em vista que, diferentemente do que ocorreu ao norte do continente, a formação histórica das terras tupiniquins não se pautou numa religião moral ascética, e mesmo na atualidade a presença desta vertente religiosa não se impõe como significante no cenário nacional (MARIANO, 1999).

A secularização e desencantamento então, em solo brasileiro não nascem de um processo interno, mas de reverberações externas, é o próprio senso de dignidade da pessoa humana como ser racional que vai impactar na esfera religiosa nacional ainda em lento processo de modernização (SOUZA 2000). Como sabido, o Brasil possui esse histórico de importação e receptação de paradigmas, modelos revolucionários, quase como se a inautenticidade de seus processos e transformações fosse o traço que lhe torna autêntico (MARTINS, 2008).

Considerando o cenário brasileiro em que, a religiosidade em sua vertente mágica ainda se manifesta de maneira proeminente, descobrir modos de mensurar o processo de desencantamento dentro deste escopo, a primeira vista essencialmente encantado, se constitui num exercício desafiador da imaginação sociológica (MILLS, 1969). É justamente neste ponto que a cultura popular se apresenta como um panorama propício a este exercício, em especial sua manifestação literária denominada cordel.

A literatura de cordel se apresenta dessa maneira, como um objeto no qual o processo de desencantamento pode ser observado dentro do espectro nacional. Isso, devido à íntima relação entre a esfera religiosa e a cultura popular com suas manifestações artísticas. Os folhetos, enquanto elemento da cultura popular possuem uma história que remete diretamente a religiosidade e aos grandes centros de romarias, as figuras santas e os meios sacramentais oficiais e não oficiais do Nordeste brasileiro, estes se manifestam como o palco em que os cordéis irão se constituir e encontrar um público receptivo (MELO, 2010).

A magia nos folhetos se concretiza não apenas em apelos narrativos fantásticos, com personagens próprios do imaginário religioso, tais como o diabo, Pe. Cícero, espíritos, ou outras figuras provenientes do folclore. Ela se apresenta desde as temáticas narrativas, até o modo de produção e comercialização (ARANTES, 1982).

Delinear desse modo, o desenvolvimento do cordel dentro do lócus específico definido no capítulo anterior, a saber, a cidade de Pedro II-PI, e analisar se o processo de desencantamento, enquanto “desmagificação”, se faz presente nessa literatura se apresenta como uma oportunidade dupla, no sentido que possibilita tanto uma análise dessa literatura popular quanto uma possível leitura de como se desenvolve o processo de desencantamento numa sociedade que não possui uma base religiosa ascética de vocação intramundana (WEBER, 2004).

#### 4.1 CORDEL EM PEDRO II: Vias de desencantamento

[...]

Iara disse seu moço

Está vendo essa riqueza

Tudo aqui é encantado

Nosso reino é de beleza

O senhor desencantado

Nunca mais sofre pobreza

(História de Sete Cidades e a deusa da encantaria. Francisco Peres de Sousa)

A literatura de cordel, em sua trajetória e desenvolvimento está intimamente relacionada a religião, ou melhor dizendo, a religiosidade popular, sempre mais rica em significados, misticismos, e sincretismos que a dogmática oficial dos púlpitos. É nessa simbiose que ela se desenvolve no interior do Nordeste brasileiro e vai constituindo seu espaço e assumindo a forma com a qual a conhecemos na atualidade.

Não acontece de modo diferente na cidade pesquisada, na qual a religiosidade popular, católica devocional se faz presente, ainda que não mesma intensidade com a qual se apresentava décadas atrás. Mais precisamente, a trajetória da literatura de folhetos em Pedro II, principia pela década 50 e se intensifica na década de 60, considerando aqui o cordel na modalidade impressa em folheto, tendo em vista que a presença de cantadores na cidade era forte já na década de 1950.

Entretanto, tomando o cordel impresso, que surge a partir da atividade dos cantadores, mas se articula com a atividade de Leandro Gomes de Barros em Recife e se dissemina pelo Nordeste, com a padronização de uma técnica de impressão e formato dos folhetos, pode-se considerar que o cordel de fato se solidifica nas feiras da cidade pesquisada na década de 1960 (GALVÃO, 2001). Considerando essa cronologia como referência, e reconhecendo as transformações ocorridas deste período até a atualidade em relação à literatura de cordel é que se poderá visualizar em que medida pode-se falar de um processo de desencantamento da literatura de cordel, *locus* desta pesquisa.

Essa abordagem sobre as transformações ocorridas no decorrer dessas últimas cinco décadas, quase seis, sobre o cordel, se pautará num primeiro momento, sobre as mudanças nos processos de produção e comercialização, procurando pensar a relação entre os espaços ocupados pelos folhetos e sua relação com elementos mágicos, próprios do imaginário popular. Em seguida, nas mudanças dentro da estrutura do próprio folheto, seja na narrativa, seja nos elementos extras textuais, tais como a capa, paginação, e o próprio tamanho do folheto.

Iniciando pelo processo de produção e comercialização do folheto na cidade é importante primeiramente considerar que, o cordel aparece através da presença de poetas provenientes de outras cidades, num movimento comum a esta literatura que no auge de sua capacidade comercial chegou a promover o surgimento de uma categoria profissional especializada na venda do cordel, a saber: o folheteiro (MELO, 2010). Desse modo, não é estranho que nas cidades menores do interior a presença do cordel tenha se dado a princípio, através da atividade de poetas provenientes de outros locais, assim em Pedro II a literatura de folhetos se apresentará principalmente pelo ofício de poetas vindos dos municípios piauienses de Piripiri ou Campo Maior.

É na figura desses poetas que encontrarão inspiração, os novos cordelistas da cidade, a partir da presença e atividade desses indivíduos que a população local terá contato com o folheto impresso. Por isso mesmo, evidenciar como se dava o ofício desses indivíduos se constitui num ponto importante da pesquisa. Como afirmado pelo poeta Chaga Gomes, que na infância conheceu o trabalho desses poetas, estes ocupavam o espaço da feira local, espaço esse que, cheio de significado para o imaginário da população será o palco principal da atividade dos cordelistas.

Como visto na pesquisa de outros autores sobre a literatura de cordel dos quais destaco Galvão (2001) e Arantes (1982); a feira de fato possui uma relação estreita com a literatura de cordel, ela propicia o cenário ideal para, tanto de um lado encontrar um grande fluxo de indivíduos, quanto pela sua diversidade de produtos e atores, legitimar as narrativas de encantamento e teatralidade dos poetas em suas “amostras de declamação” (ARANTES, 1982). Assim também, em Pedro II a feira se constituirá nesse palco central da literatura de cordel, contando ainda com elementos próprios que aumentam esse ar de liminaridade e encantamento desse espaço, características essas trabalhadas de forma mais detalhada no capítulo anterior, das quais cabe citar de forma breve o desenvolvimento de um folclore em torno da feira local que até o período de 1972 se localizava em referência a uma árvore denominada Tamboril.

Nesse espaço em que as fronteiras sociais do cotidiano se tornavam tênues, o cordelista apresentava sua arte, apelando para a teatralidade ou mesmo para outras formas de chamar atenção, bem como a venda de remédios miraculosos, aptos a curar uma variedade de doenças (DAMATTA, 1997). Como relatado por um de nossos entrevistados:

[...] às vezes ele misturava a venda de cordel com a venda do, de óleo de peixe curaqué, que no dizer dele era um óleo que servia para tudo, dor de cabeça, dor de dente, dor de chifre, tudo que fosse né, e essas pessoas do interior eram as pessoas que mais iam né, ao redor ali do vendedor de romance de cordel, as pessoas da cidade de classe média as vezes passavam com certo desdém, coisa assim meio por longe, mas também é sabido que estas mesmas mandavam alguém comprar esses cordéis os meninos (Prof. Ernâni Getirana, 14/10/2017).

A “Feira do Tamboril”, como era conhecida pelos munícipes se manteve até o ano de 1972 como este local privilegiado da atividade do cordelista, no entanto, após o corte da mencionada árvore e a construção de mercado no local, a feira vem a perder boa parte de suas características de encantamento, aliado a isto têm-se a crise que se abateu sobre a literatura de cordel, com a carestia da matéria prima e a concorrência crescente dos novos meios de comunicação que começavam a se popularizar na cidade (rádio e tv).

Apesar de não serem dependentes das grandes tipografias do cordel, e realizarem a impressão de seus folhetos de maneira mais autônoma e independente, os poetas do Piauí também sentiram esse revés na literatura de cordel, de modo que a renda que antes era facilmente obtida pela venda dos folhetos passa a escassear cada vez mais e a sua presença pelas diversas feiras do interior deixa de ser algo economicamente rentável.

Fica na memória então, dos populares e em especial dos poetas que seguem o ofício de cordelista, as narrativas fantásticas desses poetas pioneiros e o meio nos quais estes realizavam sua atividade enquanto poetas populares (Imagem 4.1).

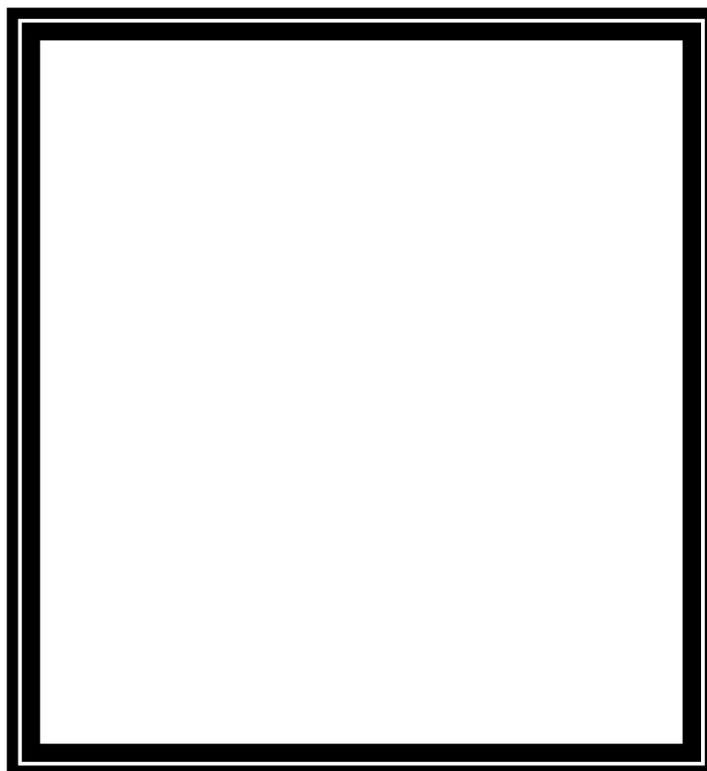
Como relata o poeta Chaga Gomes que na juventude teve a oportunidade de conhecer o cordel presente na feira da cidade, este se constituía de um repertório que comumente apelava para o encantado, heroico, para a fantasia, narrativas que apesar de se manterem na memória do poeta e possuírem certa admiração por parte deste, não se constituíram na sua temática presencial quando este ingressa no ofício de poeta popular. Nas palavras do poeta:

Eu não conto mentira, não conto, as minhas histórias é tudo é real, tudo é baseado, mas já esses cara que vinham, num era, eles bolavam a história parecido com um fato real, era tudo história de trancoso, era contando.. rapaz esse tipo de história, eles inventavam tudo, negócio de dragões, negócio de – batalhas contra o diabo?- (interferência minha) era, tudo, tudo... é deixa eu ver rapaz, eu tinha decorado todos os títulos desses romances quase todo, mas não me recordo não... tinha o toro que era considerado, a história do fazendeiro, tinha um touro valente, touro encabojado<sup>26</sup> esse era interessante esse romance, eu tinha todos esses folhetos, se extraviou, sumiu, a traça come né, porque dos anos 60 pra cá... (Chaga Gomes 20/08/2017).

---

<sup>26</sup> Termo da linguagem popular que remete a algo violento, difícil de controlar, e que pode igualmente ser substituído por outra expressão coloquial popular: “endemoniado” ou “possuído” num português culto.

**Imagem 4.1. Capa de folheto do tipo que era comercializado pela década de 1970 em Pedro II e região**



Fonte: CARVALHO, G. Poetas do povo do Piauí: imaginário e indústria cultural. São Paulo: Terceira Margem, 2001, p. 67.

Como visto as narrativas de encantamento, baseada no folclore local, ou mesmo pura invenção do autor se apresentavam como as temáticas principais desses primeiros poetas populares que chegam à cidade. E são justamente estas estórias de trancoso as mais presentes na memória dos poetas que conheceram a literatura de cordel pela vivência desse período em que esta literatura ainda era fortemente presente em meio a feira e festividades religiosas locais.

Segue abaixo algumas estrofes do cordel de Chico dos Romances, poeta popular que vinha de Piripiri para Pedro II comercializar seus escritos, especialmente na década de 1960 até início de 1970.

#### HISTÓRIA DAS SETE CIDADES E A DEUSA DA ENCANTARIA

Vou escrever uma história  
De encanto e de beleza  
Nosso Piauí é grande  
E tem imensa riqueza  
Temos cidades encantadas  
Por obra da natureza.  
[...]  
Você anote isso tudo

Que viu de encantaria  
Mistérios e malasombros  
Ciências e filosofia  
São coisas da natureza  
Que só Deus mesmo fazia.  
[...]  
Na piscina milagrosa  
A mãe d'água cura o povo  
Pode ser velho caduco  
Digo e não desaprovo  
Cria força igual um gênio  
E quer renascer de novo.

Como visto neste excerto de cordel do poeta “Chico dos Romances” e endossado pelas entrevistas citadas anteriormente, a literatura de cordel na cidade de Pedro II também parte desse aspecto mágico, alimentando-se do imaginário folclórico e da religiosidade popular para arregimentar um público consumidor e como fonte de inspiração para suas narrativas. Considerando como ponto de partida a feira local, como aglutinadora do ofício do poeta popular, vamos delinear em que medida esta ainda apresenta alguma relação com a literatura de cordel, ou melhor, em que medida o poeta popular ainda sente ligação com este espaço que por muito tempo se materializou como foco central da atividade do cordelista na cidade de Pedro II.

Desse modo, é importante frisar as mudanças que ocorreram a partir de 1970 e que influenciaram nesse processo que levou o cordel em Pedro II a se afastar gradualmente dos elementos que podemos elencar como encantados. Primeiramente ocorreu uma mudança estrutural na feira da cidade no ano de 1972, em que o referido “pé de Tamboril” foi cortado e a feira reorganizada para dar espaço à construção de um mercado dito mais moderno. Esse processo de modernização que toma como atrasado tudo aquilo que remete a manifestação da cultura popular, termina por influenciar no desencantamento da literatura de cordel que a partir deste período perde o vínculo com um espaço que, por sua liminaridade propiciava a convivência entre o sagrado e o profano alimentando o imaginário mágico dos que adentravam em seu meio (HERTZ, 1980).

Aliado a isso, tem-se os problemas econômicos nacionais que afetam o cordelista quanto a capacidade de produzir seus folhetos. Após esse período a diminuição da presença do folheteiros na feira vai diminuindo de modo que, atualmente não existe nenhum poeta que utiliza da feira como ponto de comercialização dos folhetos, na realidade não se observou nem mesmo a presença do simples revendedor. Assim como pontua Cancline (1983), quando acusa a passagem do artesanato de seus locais tradicionais de venda para as boutiques, ou

mesmo museus, numa apropriação que leva o produto da cultura popular para uma leitura puramente econômica, o cordel também vai passar por processo semelhante na medida em que passa cada vez mais a ser tido como uma relíquia dentro do cenário municipal e mesmo nacional.

A feira que antes englobava toda uma significação folclórica e relacional se apresenta a cada dia mais preenchida pelo avanço e proeminência do caráter comercial, obviamente presente desde o início, mas agora despido dos elementos que tornavam esta um lugar de encontro e verdadeiro acontecimento social na vida da comunidade. Como descreve o entrevistado:

[...] em 72 quando se foi o corte do tamboril e se construiu uma estrutura, claro bem mais higiênica, era esse o discurso da época, do regime militar e a ideia de que o Brasil precisava se modernizar, só que o conceito de ecologia da época era muito, praticamente inexistente e embora tenha havido protesto não havia uma sociedade organizada, como ainda não há de todo, então em função do progresso de uma higienização, o Tamboril foi demolido e é claro que você tem ali ainda uma referência, mas muito uma coisa bem capitalista, porque não é dizer que na época lá, nos anos 40, 50, 60, 70 não houvesse interesse de comprar e vender isso sempre vai ter, mas também havia uma certa ingenuidade, uma certa... a feira era um lugar de encontro quer dizer era, além de comprar a coisa que você precisava era o lugar de você ver aquele amigo que não via durante a semana, os cumpadre do interior encontravam com os da cidade (Prof. Ernâni Getirana, 14/10/2017).

Como descrito acima, a feira lugar do encantamento era também este local do encontro, em que os indivíduos encontravam a oportunidade de reforçar seus laços sociais, seja de parentesco, seja de amizade. No entanto, sob a égide do progresso, os elementos de encantamento que permeiam a feira vão sendo soterrados e aqueles que de certo modo viviam sob o impulso desses signos perdem o apoio e se veem obrigados a se reinventar. Curiosamente, a disposição que antes era ocupada pelos poetas na feira, agora se vê como o local das movimentadas bancas de CDs e DVDs piratas.

Antigamente, como você perguntou, ficavam um do lado Pindunga aqui com o ampicadorazinha baxinho cantando verso pro povo e enchia a roda de gente, tinha 100 pessoas na roda ali pra cada um comprar um verso. Aí tinha o outro lá na outra esquina, onde ocupava ali, onde tem aquele rapaz que concerta relógio o Chico, Chico pai do Samuel (Chaga Gomes 20/08/2017).

A disposição do poeta na feira como defendido por Arantes, (1982), era algo crucial para o seu trabalho, não só para aproveitamento do fluxo de passantes e por consequência arregimentar o maior número de ouvintes durante a venda, mas igualmente pela proximidade

com as bancas de ervas medicinais ou artigos religiosos, propiciando dessa forma mais credibilidade as narrativas encantadas. Como segue abaixo na imagem 4.2, na feira local de Pedro II, estes espaços atualmente se preenchem pelos produtos audiovisuais da indústria cultural e mesmo de artigos eletrônicos como cabos e controles remotos, dentre outras coisas.

**Imagem 4.2. Bancas de CDs e DVDs onde antes se localizavam os poetas com suas amplificadoras.**



Fonte: Acervo Pessoal.

Outro espaço que merece menção é o do festejo da padroeira da cidade, neste período de tempo especial, que foge a lógica e rotina diária, e as hierarquias sociais estão enfraquecidas se materializa outro local em que o poeta popular encontrava destaque e se apresentava para comercializar sua produção (DAMATTA, 1997).

Como bem aborda Melo (2010), em sua pesquisa sobre as tipografias especializadas em cordel, as romarias e festividades religiosas promoviam grande fluxo de fiéis que, consumiam em igual proporção a literatura de cordel, normalmente aludindo aos grandes feitos dos santos, e figuras como Pe. Cícero, além disso, aliado a venda do cordel as

tipografias também aproveitavam para imprimir orações, lunários e horóscopos ampliando assim as vendas e o lucro com as festividades religiosas.

Também em Pedro II, a festividade da padroeira (Nossa Senhora da Conceição) situada entre 28 de novembro e 08 de dezembro a cada ano, movimentava a comunidade local e vizinha promovendo um intenso fluxo de fiéis no decorrer dos dias de festa. Nesse interim, se forma paralelo às manifestações religiosas uma espécie de micro feira na qual os poetas compareciam para aproveitar a exemplo do que ocorre em outras regiões, o público de devotos, que imersos num catolicismo devocional apresentam uma disposição mais propícia a adquirir exemplares dos folhetos (GALVÃO 2001).

Do mesmo modo que, a feira passa a deixar de ser um espaço no qual o cordel se fazia fortemente presente, também nesse período de festividade religiosa a literatura de folheto vai deixando de ocupar o cenário. Disto pode-se supor ao menos duas implicações, a primeira é que com as dificuldades dos poetas que vinham de outras cidades em se manter a partir da literatura de cordel, a sua presença notadamente não passaria a deixar de ocupar apenas a feira, mas ficaria reduzida também nesses momentos de festividade, tendo em vista os custos para hospedagem e demais necessidades para se manter durante os festejos. A segunda implicação vai de encontro à nova geração de poetas populares que começa a se formar a partir da ausência desses antigos poetas.

Os poetas que hoje protagonizam a literatura de cordel na cidade, não estavam produzindo no auge da fama e bonança do cordel compreendida entre as décadas de 50 e 60, desconsiderando um (Francisco Alberto) que, preferia trabalhar com a cantoria a com a venda do cordel impresso, os demais vão começar a produzir seus primeiros versos a partir da década de 80 e apresenta-los na forma impressa apenas na década de 1990. Se considerarmos aqui o aparato teórico de Bourdieu (1996b), com sua concepção de campo social, podemos pensar que estes poetas começam sua jornada na literatura popular, justamente quando esta passa a deixar de constituir um campo literário autônomo, no sentido de possuir internamente todo o necessário para a produção e comercialização, um verdadeiro sistema literário, utilizando uma terminologia de Antonio Candido (2006).

Nesse recorte, em que a literatura popular parecendo confirmar o agouro de morte sempre pronunciado pelos estudiosos da cultura popular e do folclore (MELO, 2010), os poetas populares pedrossegundenses irão se constituir sem aludir a estes espaços tidos anteriormente como tradicionais e próprios para a atividade do poeta popular. Em certo aspecto, esse momento de crise na literatura de cordel, apresenta não apenas uma dimensão de

ruptura de um campo literário estruturado sob a religiosidade e ruralidade da população do nordeste brasileiro, mas também de uma desvinculação dessa dimensão artística, ao menos da dependência simbiótica, em relação a esfera religiosa, como pondera Weber:

Essa situação varia com o desenvolvimento do intelectualismo e da racionalização da vida, já que nessas condições a arte torna-se um universo de valores autônomos, percebidos de um modo cada vez mais consciente, e que se instauram por direito próprio. A arte adquire a função de salvação neste mundo, independente do modo que isto pode ser interpretado. (WEBER, 2010, 68)

**Imagem 4.3. Feira provisória de artigos religiosos no festejo da padroeira da cidade.**



Fonte: acervo pessoal (novembro de 2017).

**4.2 FOLHETOS E LIVROS, ESTÓRIAS E HISTÓRIAS: o que narra o cordel em Pedro II?**

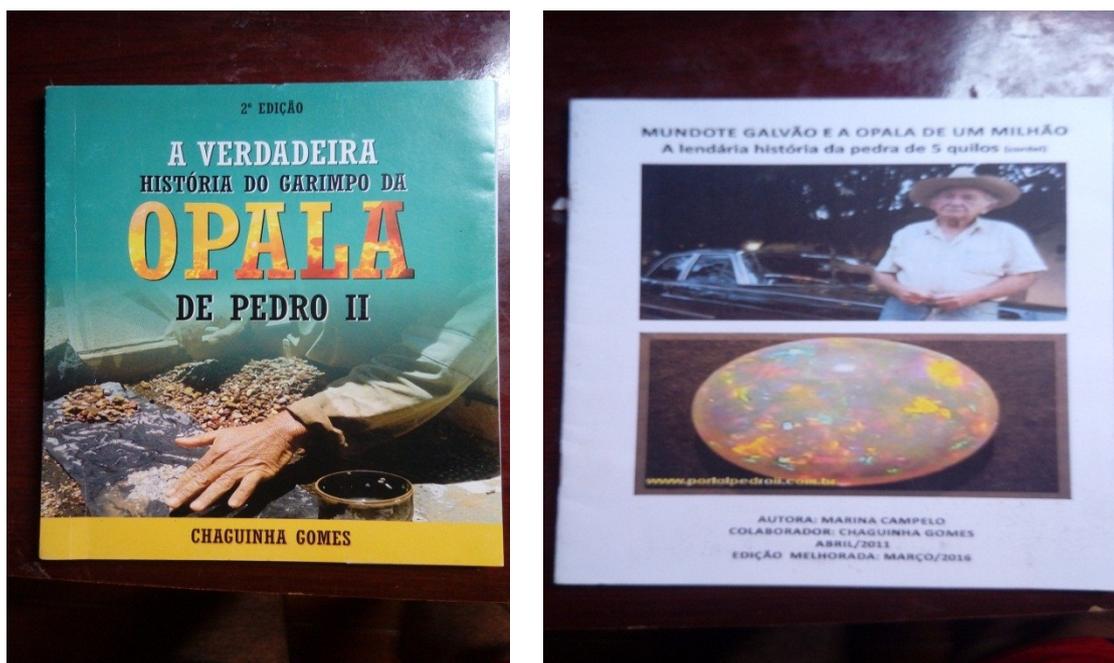
Passando pelas considerações em torno dos espaços e modos de produção e comercialização do cordel, vamos agora as transformações dentro da estrutura dos folhetos que assumem a cena municipal. Notadamente, como afirmado no capítulo inicial deste trabalho, o cordel ou folheto, possui uma estrutura que foi padronizada a partir da atividade como editor proprietário de Leandro Gomes de Barros, assim aquela imagem tradicional que

se tem do cordel, com capas xilogravadas, métrica em geral na formação de sextilhas ou septilhas, tamanho em geral 12 por 10 cm e com paginação múltipla de 08 é uma “herança” direta do trabalho do mencionado poeta e se concretiza desde o início do século XX (MARINHO, 2012).

Compreendendo que os poetas populares do Piauí comumente realizam a impressão de seus folhetos de forma independente e, que a partir da diminuição da presença de poetas vindos de fora para a feira local às referências estruturais do cordel passam a não ser tão constantes, é possível entender a grande diferença que irá se materializar no corpo dos folhetos que serão produzidos a partir de então. Estes ainda mantêm a métrica padrão tornada tradicional por Leandro Gomes de Barros, mas diferentemente do que ocorria até então, são cordéis que não estão mais presos à paginação múltipla de 08, o que encontra explicação no fato de isto ser uma arbitrariedade imposta pelo corte e costura que deveria ser feito nas folhas do cordel, de modo que, os múltiplos de oito facilitavam o processo (MELO, 2010).

Dessa forma os cordéis que serão produzidos especialmente pelos poetas Chaga Gomes e Marina Campelo apresentarão um formato singular, quando não avantajado, sendo um eufemismo a denominação de folheto: “eu escrevi um livro aqui de 300 e tantas páginas, ele tem 900 e tantas, 900 e... eu não me recordo aqui, não sei se é 985 estrofes, história política de 1931 a 2011” (Chaga Gomes 20/08/2017).

#### Imagem 4.4. Capas dos cordéis de Chaga Gomes e Marina Campelo



Fonte: Acervo pessoal

Quanto o poeta João Ferreira, seus folhetos curiosamente se apresentarão como aqueles mais próximos em aparência aos que eram comercializados pelas décadas 50, 60 e 70 nas feiras do Nordeste. Digo curiosamente, tendo em vista que, este é o poeta mais jovem dentre aqueles que contribuíram com a pesquisa, de modo que diferente de Chaguinha Gomes, Arimatea Sales, Marina Campelo e Francisco Alberto o referido poeta não teve um contato tão direto com o auge da literatura de cordel nas décadas mencionadas acima.

No entanto, analisando sua trajetória e como este vem a ingressar no universo da cultura popular, percebe-se o porquê de ser nele justamente a figura em que os elementos mais tradicionais da literatura de cordel vêm a se manifestar. Tendo conhecido o cordel em sua métrica padrão através de um curso de verão em Fortaleza, onde teve contato com outros poetas, este se interessou em conhecer melhor as técnicas por detrás da literatura de cordel. Em certo sentido, no poeta João Ferreira se apresenta aquele sentimento e intencionalidade por parte dos grupos intelectuais e atualmente dos poetas mais antigos, de realizar um resgate e reavivar da literatura de cordel, como naquele impulso ao final do século XIX em que Burke (2010) salienta essa busca pelos traços característicos da cultura de um povo.

#### Imagem 4.5. Folhetos de João Ferreira



Fonte: acervo pessoal

Seus principais folhetos possuem a parceria e incentivo de figuras de alto relevo no cenário atual da literatura de cordel, a exemplo de Pedro Costa editor da revista de Repente e

um dos idealizadores da Casa do Cantador em Teresina. Dessa forma, sob a proteção dessas figuras tradicionais na literatura de cordel compreende-se porque os folhetos de João Ferreira apresentam esses traços mais tradicionais em relação ao formato do folheto.

Quanto a Arimatea Sales este também apresenta um folheto com características mais tradicionais, no entanto, este poeta faz um uso intenso das redes sociais (Facebook) como meio de divulgação de seus versos. Já nosso poeta mais experiente Francisco Alberto, apesar de possuir extensa obra escrita, nunca se atentou em publicar estes cordéis, preferindo trabalhar essencialmente com a cantoria, assim seus manuscritos estão dispostos em alguns volumes de cadernos comuns.

Quanto à maneira pela qual esses poetas publicam seus folhetos, teremos desde iniciativas com fundo próprio até a ajuda de fundações especializadas no fomento da literatura de cordel como a FUNCOR- Fundação Nordestina do Cordel sediada em Teresina. Também é possível encontrar o patrocínio por parte de personalidades políticas a exemplo do Dep. Estadual Wilson Brandão que sendo natural de Pedro II ocupa atualmente uma cadeira na Academia Pedrossegundense de Artes e Letras- APLA. Quanto à benesse de autoridades esta não se constitui numa novidade dentro do escopo da literatura popular, na qual os poetas comumente dedicavam homenagens a “autoridades” (MACHADO, 1980).

Singularidade mesmo se dará nos modos que a comercialização ou distribuição (reconhecendo que a venda não se manifesta como objetivo principal) se dá com a atividade desses novos poetas. Migrando das feiras e festividades religiosas, o folheto passa a ser comercializado dentro de livrarias, especialmente a Tenda da Cruviana, estabelecimento administrado pelo então presidente da APLA prof. Ernani Getirana. Além desse foco comercial, a própria residência do poeta também se apresenta como um local da comercialização de sua produção. Outros poetas como João Ferreira que conseguiram publicar através do apoio de algumas instituições, o folheto pôde ser distribuído dentro das escolas e para quem o poeta desejasse.

Como demonstrado, o folheto na cidade pesquisada passa a ocupar espaço junto à literatura erudita, não apenas compondo prateleiras nas livrarias, mas compondo o interior das próprias antologias produzidas na cidade. É desse modo que, o cordel passa a preencher capítulos em livros de poesia e prosa de professores e membros da academia de letras local. A coletânea “Raspa do Mameleiro” se apresenta assim como uma das iniciativas em que a poesia popular e erudita se misturam, num reflexo da própria organização dos grupos que movimentam o cenário local de arte e literatura. Afinal a APLA possui como ocupantes de

duas cadeiras dois poetas populares (Chaguinha Gomes e Marina Campelo), e o Coletivo P2 de Poesia e Prosa se revela como um agregador das mais diferentes manifestações literárias e artísticas.

Segue abaixo imagem dos dois volumes do livro “Raspa do Mameleiro”:

**Imagem 4.6. Volumes 1 e 2 da Antologia pedrossegundense de prosa e poesia Raspa do Mameleiro**



Fonte: Acervo pessoal

Quanto à temática, os cordéis sempre versaram sobre os mais variados tópicos, desde seu nascimento sua vertente jornalística esteve presente junto daquela mais romaneada, dependendo da preferência do poeta a qual temática concentrar seus escritos. Dessa forma, os folhetos tratavam desde notícias e fatos circunstanciais, até o desenvolvimento de enredos sobre bravuras e aventuras, acontecimentos fantásticos, homenagens a autoridades, lugares, religião, festas e etc.(MACHADO, 1980). É possível nesse sentido fazer um paralelo com a manifestação do desencantamento que, ao longo do tempo sempre esteve presente dentro da esfera religiosa, e ainda que incubado por certos períodos em determinados momentos encontrava brechas por onde se manifestar, a exemplo do profetismo judaico.

Assim, é importante notar que, o cordel desde sua gênese manteve eixos narrativos mais atentos a narrar acontecimentos históricos ou biografar alguma “autoridade”, ou mesmo temáticas voltadas a explicar conhecimentos científicos, do que se infere assim como Weber indicava em relação ao desencantamento na esfera religiosa que, as transformações sociais,

como a redução do analfabetismo, a modernização das feiras populares em espaços organizados para otimizar o aspecto comercial, estimularam a ênfase na literatura de cordel na cidade pesquisada para uma vertente mais historiográfica, da mesma maneira que o surgimento de uma religião ascética de viés intramundano propiciou o despertar do desencantamento dentro da esfera religiosa (WEBER, 2004).

Do mesmo modo, a ênfase temática que hoje se apresenta no cordel da cidade de Pedro II, já apresentava indícios em décadas anteriores, mas se acentua consideravelmente a partir da década de 80, ela se constituiria em um intenso apelo à historicidade das narrativas, evitando assim o desenvolvimento de narrativas fantásticas ou que não tenham referência a algum fato ocorrido.

Um bom exemplo desse caráter historiográfico latente na literatura popular de Pedro II, são os escritos do poeta Francisco Alberto que, mesmo preferindo a cantoria como atividade poética, revela cordéis que apresentam acentuada preocupação em se manter atento aos fatos reais, acontecimentos históricos, ou ensinamentos científicos. Dessa forma, têm-se entre os títulos de sua extensa produção poética: *Começo e fundação de Pedro II desde o povoado Pequizeiro; História do Brasil; Versos em homenagem ao velho Tamboril e Homenagem as autoridades de Pedro II*. Dentre as várias estrofes que compõem estes exemplos destaco os seguintes retirados respectivamente do primeiro e último título mencionados acima.

[...]

Assim pra o nôvo ambiente  
Eu vou cantar proenteiro  
Falando sôbre a nossa terra  
Do tempo do pequizeiro  
Os fundadores foi João Alves Pereira e seus irmãos  
I mais outros companheiros

[...]

O Dr. Milton Brandão  
Com sua perceverança  
Ele trou-se a nossa luz então  
Da barragem bôa esperança  
Com seu pensamento profundo  
Filho de Pedro II  
Da nossa terra altaneira  
Foi prefeito de grande ideal  
Deputado estadual e federal  
Na republica brasileira.

(Começo e fundação de Pedro II desde o povoado Pequizeiro; Homenagem as autoridades de Pedro II de Francisco Alberto).

Relembrando que o referido poeta é por excelência um cantador, o seu apelo a conhecimentos gerais, bem vistos nas pelejas<sup>27</sup> se torna menos mistificado, no sentido de que, sendo este um senhor de poucos anos de estudo possuir tão variado conhecimento sobre história, geografia e mesmo astronomia.

Quanto aos escritos de Chaguinha Gomes e Marina Campelo, vamos trabalhá-los em conjunto, tendo em vista os referidos poetas serem irmãos e por isso partilharem de elementos em comum na sua produção poética. Marina, a única mulher cordelista com uma produção de relevo na literatura popular no *locus* da pesquisa, assim como seu irmão, trabalha temáticas mais históricas, ou mesmo, de caráter biográfico e autobiográfico. Assim em seu cordel sobre a “Opala de um milhão”, a poetisa faz um resumo da história de como foi encontrada uma opala de quase cinco quilos e como esta foi levada através de um golpe dado ao indivíduo que a havia encontrado, a imagem 4.4 traz a capa deste folheto. Outro escrito seu que apresenta esse caráter biográfico é o *Centro dos Gomes- memórias de minha infância*, nas palavras da poetisa: “Assim, em 2010, publiquei, com 342 estrofes, *Centro dos Gomes – memórias da minha infância*. É o registro puro simples do povo e da cultura de um lugar, e isso tem causado muita emoção às pessoas que se identificam na história”. Como visto trata-se não de um mero folheto, mas de uma obra que por sua extensão pode ser denominada como um livro em cordel.

Com Chaguinha Gomes é necessário uma especial atenção, no sentido de que este poeta pela sua produção pode ser considerado um cronista da história política local, como este mesmo afirma na epígrafe deste capítulo: “Eu não conto mentira, não conto, as minhas histórias é tudo é real, tudo é baseado” (20/08/2017). Dentre os poetas este se caracteriza como aquele com maior obra publicada, soma dez folhetos impressos, sem contar sua participação na coletânea do *Raspa do Mameleiro*. Sua produção vem desde a década de 80, apresentando seu primeiro folheto na década seguinte, com o título: *Após 22 anos de derrota uma alegria pela vitória*. Neste exemplar o poeta narra a trajetória política de Nogueira Filho até sua chegada a prefeitura municipal de Pedro II.

Sem grande surpresa é notório o envolvimento do mesmo com a campanha política do referido político e como este nutre especial admiração pela figura de Nogueira Filho, dedicando a este ainda mais dois folhetos, um sobre suas benfeitorias enquanto gestor municipal e outra como homenagem póstuma. Além desses títulos voltados a biografia de um personagem político específico, o poeta também destinou esforços a traçar uma historiografia

---

<sup>27</sup> Desafios entre cantadores consistindo em improvisações versando sobre os mais variados temas, podendo inclusive passar para ofensas e gracejos contra o adversário.

completa do panorama político local, idealizando um “folheto” com não menos que 900 estrofes no intuito de narrar o desenvolvimento da política municipal de 1930 até 2011, obra essa que recebe constante promessa de atualização podendo chegar aos anos de 2016.

Destaca-se dessa extensa obra do poeta os seguintes excertos:

1

Política é um assunto  
Que todo adulto entende  
Quanto mais o tempo passa  
Mais o povo compreende  
Que o político é assim  
Um acusa outro defende.

[...]

Nogueira em oitenta e oito  
Candidatou-se a prefeito  
Então durante a campanha  
Nele o povo viu efeito  
E no apurar dos votos  
O Nogueira foi eleito.  
(Após 22 anos de derrota uma alegria pela vitória)

2

Quero também escrever  
Com pureza e realidade  
O nome de todo garimpo  
Em volta desta cidade  
Com certeza não me engano lhe direi até o ano  
Estou falando a verdade.

3

Leitores não venho massartes  
Com história de trancoso  
Dos dramas de aventura  
Este é mais valioso  
Abrir o chão numa vala  
Para explorar opala  
E sair vitorioso.  
(A verdadeira história da opala de Pedro II)

Quanto a João Ferreira e Arimatea Sales, estes apresentam uma produção que por hora traz de volta certo ar de encantamento na narrativa do folheto, mencione-se apenas o último lançamento de Arimatea em que o poeta narra a passagem de um disco voador pelo povoado Nazaré. No entanto, em outras publicações o poeta, especialmente pelas redes sociais divulga cordéis mais curtos dedicados a refletir sobre temas sociais ou mesmo sobre cidadania. João Ferreira traz em seus textos, um apelo forte a vida campestre, entretanto examinado cuidadosamente seus escritos percebe-se que o encantamento das narrativas é subvertido por apontamentos ecológicos, morais e de crítica social e mesmo seu título que aparenta ser um

conto de trancoso (*Chiquinho do Virgem o matador de onça*) procura se basear na história de vida de um personagem local. Além disso, o poeta possui igualmente folhetos destinados a biografar personalidades sem muito romanceio, um exemplo é o seu folheto que versa sobre a trajetória da religiosa Ir. Celina, figura que promove projetos voltados a população camponesa dentro do município.

A seguir alguns versos de “Um cordel sem a letra A” de João Ferreira.

[...]

Nós somos inseguros  
Com nosso próprio regime  
Que foi constituído  
Pelo opressor que reprime  
Vivemos num precipício  
Com cobertor de vitrine.

Somos movidos por leis  
De origens do congresso  
Com holofotes pros ricos e o pobre retrocesso  
Como é que deste jeito  
Somos o trilho do progresso?

Diante das considerações acima, tomando como base a perda de importância dos elementos mágicos e religiosos no processo de produção, comercialização e na própria temática dos cordéis é possível afirmar que, a concepção de desencantamento enquanto “perda da magia” pode ser vislumbrada sobre essa manifestação da cultura popular. Tal fato remete por consequência a implicação de que como pontuava Weber (2010), a racionalização da vida permite a arte um via de emancipação da esfera religiosa, de modo que também a interpretação de um processo de secularização cabe por sobre essa manifestação literária.

O folheto deixa de ocupar esses espaços liminares, e converge para a literatura oficial, se assemelhando cada vez mais a “poesia pura de nosso tempo”, como diria Candido (2006), destinada não ao canto e teatralização, mas a leitura solitária, individual e não comunitária, a ser realizada na privacidade do quarto e não na publicidade da varanda, quase rua (DAMATTA, 1997). O cordel que nasce voltado para a comercialização, apesar de se nutrir nas fontes da cultura popular, passa por um processo em que os traços que o delimitavam dentro do espectro da cultura popular se tornam cada vez mais tênues e imprecisos.

Num cenário mais global parece ocorrer com o cordel o que Cancline (1983) demonstra ocorrer com o artesanato no México, a manutenção e reinvenção de tradições populares para o abastecimento de um nicho comercial ávido pelo exótico, pela rusticidade, pela existência do que se considera sobrevivências de modos passados de se produzir e viver. No cenário específico da pesquisa, o cordel aparenta mais que essa absorção por parte do

sistema econômico, a absorção por parte do campo literário oficial, assumindo não apenas algumas de suas características, ou como diria Bourdieu (1996a) assimilando seu *habitus*, mas tomando posição junto da literatura erudita.

Em certo aspecto o desencantamento do cordel caminha de encontro a diminuição de seu apelo oral, e ao público que tradicionalmente o consumia, passando a se constituir cada vez mais numa vertente poética dentro do campo literário, o desencantamento da literatura popular caminha assim na contramão do “popular” apagando na medida em que se acentua a ênfase desse termo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória da literatura de cordel no Brasil se constitui numa história que parte desde a adaptação dos cordéis europeus a uma forma própria do Nordeste brasileiro e sua consolidação neste espaço como uma expressão literária de intenso apelo comercial, até os movimentos de crise e ressurgimento do cordel, seja como símbolo nacional como foi na década de 1930, seja pelo impulso da globalização enquanto fenômeno que por ameaçar as identidades acabou por reforçar a presença de alguns símbolos identitários (HALL, 2006).

Entretanto, não apenas como signo de identidade, o cordel também se apresenta como um fenômeno passível de outras abordagens, dentre as quais o presente trabalho procurou evidenciar o aspecto do desencantamento. Este conceito que se tornou célebre na obra do sociólogo alemão Max Weber (2004), versa sobre o aspecto racionalizante em detrimento do apelo as referências mágicas, comumente ofertadas pelo mercado religioso, especialmente a religiosidade popular e devocional.

Como sugere Pierucci (2003), o conceito de desencantamento é, dentre os conceitos weberianos aquele que sugere maior apelo à imaginação de quem lhe dedica atenção, uma categoria polissêmica que em certo sentido se assemelha a um tema poético. Expressão de tão forte apelo metafórico que é capaz de conduzir as considerações sociológicas do mesmo modo que um mote<sup>28</sup> conduz um poema (PIERUCCI, 2003).

Nesse sentido, pensar o desencantamento na literatura de cordel, expressão popular que desde sua gênese nutriu-se fortemente da religiosidade popular, significa dar vazão a essa força que o conceito de desencantamento remete enquanto um aparato que norteia o olhar do pesquisador, assim como o “mote” norteia o desenrolar de um poema.

Desse modo, a partir das considerações em torno do percurso da literatura de cordel dentro do recorte empírico na cidade de Pedro II-PI, esperamos ter evidenciado a faceta cada vez mais desencantada dessa literatura popular, como ilustrado nos capítulos dois e três do presente trabalho, com ênfase no terceiro, através da contextualização do cenário mágico em que o cordel se instala no *locus* da pesquisa e a perda gradativa desses elementos “encantados” que permeavam a literatura de cordel a partir da década de 1970. Considerando não apenas o crescente distanciamento desta em relação a esfera religiosa, a qual não vem se concretizando como um dos elementos que impulsionam e sustentam os folhetos produzidos

---

<sup>28</sup> Em geral, é uma composição poética, geralmente um dístico de sete sílabas, posto como desafio ao cantador, em que ele desenvolve um tema, sempre tirando a glosa como proposta (Romanceiro dos versejadores e repentistas de Jenipapeiro/ João Bosco da Silva (organizador). Teresina: EDUFPI, 2014, p. 25).

pelos poetas locais. Como discorrido ao longo do segundo e terceiro capítulos, o cordel já não se faz presente em meio às festividades religiosas e os poetas populares pedrossegundenses não encontram na narrativa religiosa, em exaltação aos santos sua maior inspiração.

No entanto, não apenas no distanciamento para com a esfera religiosa se constitui o aspecto do desencantamento do folheto, este também se materializa como apontado, na sua mudança de cenário quanto aos pontos de comercialização. Diferente do que ocorria até início da década de 1970, os espaços liminares em que se constituíam as feiras, seja a feira comercial dos sábados, seja aquela que se instalava temporariamente nas festividades da padroeira do município, já não se constituem como palco preferencial dos poetas populares. A feira que antes propiciava essa atmosfera mágica, em que as fronteiras do cotidiano se tornavam tênues, e por isso mesmo denotava legitimidade aos folheteiros que procuravam cativar o público com suas narrativas, vai perdendo tais características encantadas para dar lugar ao progresso, simbolizado na pesquisa pela derrubada do pé de Tamboril para a construção de uma estrutura que servisse de novo mercado (DAMMATA, 1997).

Do mesmo modo, as narrativas encantadas, os contos de trancoso, passam a ceder cada vez mais espaço para as narrativas historiográficas, de homenagem, biográficas, ou mesmo, autobiográficas. Temáticas que encontram neste novo século um público diferenciado daquele que comumente procurava a literatura de cordel no final do século passado. Assim, o cordel passa do público iletrado e da leitura comunitária feita em família, para o público escolarizado, que procura conhecer a trajetória histórica do município narrada nos folhetos, numa leitura particular e reflexiva comum como diria Candido (2006), a “poesia pura de nosso tempo”, como exemplo pode-se citar os cordéis: *Começo e fundação de Pedro II desde o povoado Pequizeiro (de Francisco Alberto)*; *Centro dos Gomes- memórias de minha infância (Marina Campelo)* e *Após 22 anos de derrota uma alegria pela vitória (Chaguinha Gomes)*, dentre outros abordados mais detalhadamente no capítulo três.

Por este prisma o desencantamento do cordel sugere, mais que a diminuição do apelo mágico naquilo que engloba seu processo de produção, narrativa e comercialização, uma aproximação cada vez mais forte entre essa literatura popular e a literatura oficial. Neste aspecto, os dados apresentados sobre essa questão apontam uma relação íntima entre essas formas literárias na cidade pesquisada, relação que vai desde a publicação conjunta entre poetas e poetas populares até a migração do folheto das feiras para as livrarias.

A literatura popular e dentro desta a literatura de cordel, se manifestam em categorias que já passaram pelas mais diversas abordagens e que, igualmente ainda possuem um grau de

indefinição, como tudo aquilo a que é creditado o adjetivo “popular”, termo que funciona como insígnia de algo que brota da “espontaneidade do povo” (CANCLINE, 1983, p. 11). Entretanto, como bem salienta Cancline, a cultura popular não se manifesta como algo que se situa num vácuo institucional, em que nada lhe influencia, contrariamente esta só pode ser analisada de forma mais fecunda na medida em que se considera sua relação com demais sistemas sociais, seja econômico ou qualquer outro, sendo reconhecida como um instrumento para compreender e transformar o sistema social na disputa pela hegemonia (CANCLINE, 2003).

Com base nisso que a partir da utilização do conceito de desencantamento procuramos nos debruçar sobre a literatura de cordel, reconhecendo que esta está diretamente ligada a uma série de outras esferas que lhe influenciam e são por ela influenciadas, assumindo como Weber que, nenhuma explicação pode dar conta de todo o universo social, cabendo ao cientista social a procura dos aparatos conceituais, dos “tipos”, que melhor contribuam no seu fazer científico (COHN, 2003).

Nestas considerações, cabe ainda um questionamento em torno das transformações que a partir do conceito de desencantamento foram vislumbradas sobre a literatura de cordel em Pedro II. Considerando a passagem do cordel das feiras as livrarias, do perfil de um poeta popular que está cada vez mais inserido no mundo acadêmico, dos eixos narrativos que se distanciam da inspiração proveniente de uma religiosidade popular, o que poderia ser elencado para definir o cordel como uma literatura popular? Ou melhor, a que remete o termo popular quando utilizado em referência ao cordel?

Longe de querer dar uma explicação a tal questionamento nas linhas finais de um texto conclusivo, essa pergunta aponta para outras considerações e possibilidades de estudo sobre a literatura de cordel, que sempre proporcionou o surgimento de debates e polêmicas ao longo de seu percurso histórico. Mas, se tomarmos aqui a categorização de Cancline acerca das culturas populares enquanto apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação por parte das camadas inferiores da sociedade, poderíamos pensar então que a medida que os poetas populares passam a surgir de camadas sociais com mais elevada apropriação desses bens, a literatura de cordel passaria igualmente a se manifestar numa expressão cada vez menos popular?

O popular e o exótico se constituíram num nicho específico tanto comercial, quanto na perspectiva do *status*, à medida que a sociedade se desenvolve essas categorizações parecem cada vez mais arbitrarias e rasas de significado, com isso não estamos afirmando que o cordel

não é mais cordel por não possuir de maneira proeminente sua vertente de encantamento, mas que a distinção entre este e as demais formas de poesia na contemporaneidade, ao menos no recorte analisado, carece a cada dia de um divisor mais nítido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- ALVES, J. Literatura de cordel na escola: vivência artística ou utilitarismo. In: FERREIRA, M; et al. *Colóquios Linguísticos e Literários: Enfoques epistemológicos, metodológicos e descritivos*. Teresina: EDUFPI, 2001, p. 175-192.
- ARANTES, A. *O trabalho e a fala (estudo antropológico sobre os folhetos de cordel)*. Campinas: Editora Kairós/ FUNCAMP, 1982.
- BAKHITIN, M. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François de Rabelais*. São Paulo: EDITORA Universidade de Brasília, 1987.
- BENJAMIM, R. Os folhetos populares intermediários no processo de comunicação 40 anos depois. In: NEMER, S. *Recortes contemporâneos sobre o cordel*. Rio de Janeiro: Edições Casa Rui Barbosa, 2008.
- BOMFIM, M. *América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.
- BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, P. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.
- \_\_\_\_\_. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas-SP: Papyrus, 1996b.
- BRANDÃO, C. *O que é folclore*. São Paulo: Editora brasiliense, 1982.
- BURKE, P. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CANCLINE, N. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Editora brasiliense, 1983, p. 150.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CARVALHO, G. *Poetas do povo do Piauí: imaginário e indústria cultural*. São Paulo: Terceira Margem, 2001
- CASCUDO, L. *Literatura oral no Brasil*. Rio de Janeiro: J Olympio, 1978, p. 12-32.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- COHN, G. *Max Weber e a teoria social*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.256

- DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FUNARO, V (Org.) *Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: parte I (ABNT)*. São Paulo: SIBiUSP, 2016.
- GALVÃO, A. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GIRARDET, R. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1987.
- GOMES, M. *Antropologia: ciência do homem: filosofia da cultura*. São Paulo: Contexto, 2011.
- HAGUETTE, T. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- HALL, S. *A identidade Cultural na Pós Modernidade*. Rio de Janeiro, 11ª ed., DP&A Editora, 2006, p.07-22.
- HERTZ, R. A preeminência da mão direita. Um estudo sobre a polaridade religiosa. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: Tempo e Presença. n6.1980, p. 99-128.
- HOBBSBAWN, E; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LEAL, V. *Coronelismo enxada e voto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- LIMA, E. *Bamburristas da Terra do Opala [manuscrito]: identidade sociocultural e os desafios frente a políticas de inserção produtiva em Pedro II, Piauí*. 2008.
- \_\_\_\_\_. *Lendas da cidade de Pedro II*. Teresina: Editora Katavento, 2008
- MACHADO, F. *O que é literatura de cordel?* Rio de Janeiro: Codecre, 1980.
- MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- MARIANO, R. *O futuro não será protestante*. Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 89-114, set. 1999.
- MARINHO, A. A literatura de cordel e o mercado editorial. In: FERREIRA, M; et al. *Colóquios Linguísticos e Literários: Enfoques epistemológicos, metodológicos e descritivos*. Teresina: EDUFPI, 2001, p.194-211.
- MARINHO, A. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.
- MARTINS, J. *A sociabilidade do homem simples: e história na modernidade anômala*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MELO, Rosilene Alves de. *Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.
- MILLS, C. *A imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

PIERUCCI, A. Reencantamento e dessecularização a propósito do auto-engano em sociologia da religião. *Novos estudos* n.º 49, novembro de 1997.

\_\_\_\_\_. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: USP, Curso de Pós-graduação em sociologia: Ed 34, 2003.

PROENÇA, I. *A ideologia do cordel*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

Romanceiro dos versejadores e repentistas de Jenipapeiro/ João Bosco da Silva (organizador). Teresina: EDUFPI, 2014.

SANTOS, I. Narrativa e imaginário na literatura de cordel brasileira: cruzamento das linguagens e das modernidades. In: NEMER, S. *Recortes contemporâneos sobre o cordel*. Rio de Janeiro: Edições Casa Rui Barbosa, 2008, p.24- 35.

SILVÍO, R. *Estudos Sobre a Poesia Popular do Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

SIMMEL, G. *Religião: ensaios 1/2*. São Paulo: Olho d'Água, 2010.

SOUZA, J. *A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

TURNER, V. *O Processo Ritual Estrutura e Anti Estrutura*. São Paulo: Vozes, 1974.

WEBER, M. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Ícone, 2010, p. 112

\_\_\_\_\_. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. *Ciência e política, duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 2008.

\_\_\_\_\_. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Editora S.A., 1982.